

NOVAS DA GALIZA

— PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇÃO CRÍTICA —



“A globalizaçom pretende converter-nos em borregos vivendo em 'chalés adosados”

Tonhito de Poi, vocalista da Banda de Poi

PÁGINA 20



A alta velocidade ferroviária isolará o meio rural em benefício das grandes áreas urbanas

AS OBRAS PROVOCAM JÁ IMPORTANTES DANOS SÓCIO-AMBIENTAIS E NO PATRIMÓNIO

O trem de grande velocidade e as autovias previstas apresentam-se como a soluçom para “tirar a Galiza do isolamento”, num contexto de crescimento dos grandes capitais que precisam de movimentos rápidos para as suas mercadorias e dirigentes. Em ausência de debate social sobre a suanecessidade, as obras do comboio continuam em diferentes troços o projec-

to que deveria culminar em 2020 e que basicamente fortalecerá as principais vias existentes de transporte e comunicaçom que fôrom potenciadas nos últimos vinte anos, em particular, o eixo Vigo-Corunha e a ligaçom à meseta. O discurso mediático dominante, que reduz a crítica a aspectos relacionados com as velocidades máximas atingíveis ou à pertinência de tais ou

quais variantes esconde um projecto de enormes repercussoms que incomunicará ferroviariamente as pequenas localidades, causará danos ambientais e sociais irreversíveis e acabará por liquidar o conceito de comboio como veículo de comunicaçom acessível e integrador. Os verdadeiros beneficiários: os centros de poder económico e as classes dominantes. / Pág. 10

“Na recriaçom da trama nunca pode faltar, como nos melhores filmes, o chefe-ideólogo”

Antom Garcia Matos escreve para o NOVAS DA GALIZA

Na política galega vive-se nos últimos anos com certa especaçom o regresso à actualidade de alguns episódios de violência política de baixa intensidade que, porém, temem umha continuidade no tempo nada desprezível: quase umha década. Trata-se de umha violência que, sem responder ao chamamento realizado por siglas concretas, a polícia situou imediatamente no âmbito do independentismo, chegando a criminalizar, com certos meios de comunicaçom, organizaçom e pessoas com actividade pública reconhecida. O momento mais grave desta incriminaçom aconteceu na seqüência da operaçom Castinheira, com a qual se abriu um questionado processo contra maioritariamente militantes da AMI, de cujo estado os próprios afectados e afectadas se vam inteirando polos jornais com certa regularidade. Um dos argüidos, Antom Garcia Matos, encontra-se em paradediro desconhecido depois de ter sido assinalado pola policia e a imprensa maioritária como ‘ideólogo’ e ‘cabecilha’ da chamada ‘resistência galega’. É precisamente contra esta construçom mediático-policial que se insurge Garcia Matos num artigo remetido para o NOVAS DA GALIZA, que decidiu publicá-lo por ser um documento de excepcional actuali-



dade. O autor defende que a repressom e as consequentes campanhas informativas devem ser ignoradas em prol da constituçom “do projecto social” de umha “futura Galiza livre”: “nom devemos resignar-nos a ser actores passivos de um guiom que escrevem por nós”. Para além das opinions que poda suscitar o texto, o nosso jornal é consciente da polémica que a publicaçom de um simples artigo de opinio como este pode trazer consigo. O nosso compromisso com a liberdade de expressom e com a informaçom crítica está, porém, por cima de qualquer autocensura que jamais aceitará o nosso público leitor, e muito menos nos tempos em que vivemos, que tornam este compromisso mais necessário que nunca. / Pág. 13

E AINDA...



PRIMEIRA MARCHA AOS cárceres de Ávila e Cáceres em apoio aos presos independentistas / 06

Presidentes do PP preocupados pola lei dos 500 metros anunciada pola Junta / 04

Detenhem dono de Cirsna na Argentina ao tentar introducir 500.000 euros sem declarar / 05

Dous estudantes sofrem torturas após serem detidos num protesto em Compostela / 07

Opinions de Beatriz Santos, Lúdia Senra e Bases Democráticas Galegas.



XII Assembleia do BNG decide abandonar o assemblearismo nos próximos encontros, a partir de agora, congressuais

Várias listas críticas opugérom-se ao novo modelo de 'voto delegado' sem êxito, mas obtendo mais apoios dos esperados / 15



Pola soberania alimentar do povo galego, paremos a liberalizaçom dos mercados

LÍDIA SENRA

“A LIBERALIZAÇOM DO LEITE É UMHA MÁ NOTÍCIA PARA O CONJUNTO DA POPULAÇOM, À QUAL SE ESTÁ A IMPOR A ALIMENTAÇOM QUE DECIDEM AS MULTINACIONAIS E A GRANDE DISTRIBUIÇOM SEM TER EM CONTA DE MODO NENHUM A QUALIDADE NUTRITIVA NEM A SEGURANÇA DOS PRODUTOS ALIMENTARES, NEM A SUA CULTURA ALIMENTAR”

A Comissom Europeia anunciou que pensa liberalizar o mercado do leite e pôr fim ao sistema de quotas em 2015. Para os e as camponesas esta é umha má notícia. Sempre que anunciam novas oportunidades no mercado internacional com a liberalizaçom, perdemos presença nos mercados locais e de proximidade e temos novas descidas nos preços. Estas políticas sempre provocam a perda de postos de trabalho directos e indirectos.

É umha má notícia para o conjunto da populaçom, à qual se está a impor a alimentaçom que decidem as multinacionais e a grande distribuiçom sem ter em conta de modo nenhum a qualidade nutritiva nem a segurança dos produtos alimentares – já sabemos que nem tudo o que passar controlos é seguro: as vacas loucas som o mais claro exemplo disto –, nem a sua cultura alimentar.

É umha má notícia, também, para os povos da Europa em geral e para o povo galego em particular, que é obrigado a depender cada vez mais do exterior para se alimentar, desrespeitando-se assim o seu direito a decidir as políticas agrárias e alimentares que mais lhe interessam.

Também, e apesar de a propaganda oficial dizer o contrário, é umha péssima notícia para os e as camponesas dos países menos desenvolvidos, que vam ver os seus postos de trabalho e as economias locais destruídas polas multinacio-



nais que ocuparám os seus mercados, igual que ocupam os nossos. Decerto, a fome e a miséria no mundo aumentarám com a liberalizaçom.

Por isto, o Sindicato Labrego

Galego (SLG), trabalhará sem descanso para o Conselho de Ministros rejeitar a proposta da Comissom e para o estabelecimento de umha política leiteira que supere as injustiças da política de quotas actual.

Neste sentido, o SLG e a CPE (Coordenadora Camponesa Europeia) luta por:

1. Umha política leiteira que respeite o direito de 'soberania alimentar'. Cumpre priorizar a produçom

de leite para o consumo interno. É preciso manter as cabeças de gado em relaçom com as necessidades do país, para pôr fim à dependência europeia em alimentaçom do gado. A Comissom Europeia e os governos devem abandonar o apoio aos cultivos energéticos, pois necessitamos da terra para alimentarmos o gado.

2. Manter o controlo da produçom e redistribuir o direito a produzir entre os camponeses e as camponesas na União Europeia, superando o enquadramento dos Estados. Nom fai sentido que, se o mercado é europeu, a quota seja por Estados.

3. A redistribuiçom deve fazer-se atendendo a critérios de viabilizar o máximo número de exploraçoms de leite, de dimensom humana, em todo o território europeu.

4. Ligado a tudo isto, senom seria totalmente inviável, estabelecer um preço que cubra os custos e o trabalho de produçom.

5.- Políticas de apoio para a colocaçom no mercado de leite e lácteos de alta qualidade nutritiva; priorizar os mercados locais e de proximidade.

Entendemos que o futuro do sector leiteiro nom pode ficar num simples debate sectorial. Por isso, fazemos um chamamento a toda a cidadania para se implicar no debate e na luta, porque umha outra política agrária e alimentar ao serviço da sociedade é possível.

Lidia Senra é secretária-geral do Sindicato Labrego Galego

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens algunha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejás transmitir-nos algunha inquietaçom ou mesmo algunha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçoms, como também de resumí-las ou extractá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antissociais intoleráveis.

Endereço: peLOURINHO@NOVASGZ.COM

E VAM TRÊS ANOS

Na Associaçom Cultural Revira de Ponte Vedra, estamos a comemorar o terceiro aniversário. Neste tempo transcorrido, temos levado a cabo dezenas de actividades a favor da nossa cultura, polos direitos históricos da Galiza, pola defesa da terra e o ambiente e em solidariedade com outros povos como o do Sara. Também temos promovido actos em solidariedade com o movimento feminista, de recuperaçom da memória histórica e de estudo do movimento operário ou da história do País. Temos cedido os nossos locais para associaçoms juvenis, políticas, de siareiros e siareiras, de heavy rock, de rol; temos realizado roteiros, visionado ciclos de filmes, feito exposiçoms de pintura, fotografia e outras artes na sala Reimundo Patinho; jantares, palestras solidárias com os presos e pre-

sas, cursos diversos, festas e tradiçoms como o Magusto ou o Entrudo, concertos de rock, folk, rap galego e jam sessions tenham ocupado também as nossas salas, das quais saímos frequentemente para participarmos em actos como a Festa da Língua ou a Feira Franca, para realizarmos umha festa conjunta com o colectivo marroquino ou para nos manifestarmos em defesa da ria e contra a ENCE. Participamos em colectivos que lutam contra a guerra, fazemos parte da REAL (rede de associaçoms amigas da língua) e assim um muito longo et cetera que fai com que a Revira, do mesmo modo que os outros locais sociais que estão a formar umha rede em todo o País, sejam cada vez mais um referente para a juventude e para as pessoas que querem umha Galiza soberana, apesar da ocultaçom e o boicote de sectores do nacionalismo institucional.

É por isto que ainda que falta

muito caminho por percorrer, hoje também podemos estar fahendosos e fahendosas polo trabalho realizado, e por termos construído um espaço, um lugar de encontro onde pessoas diversas se juntam para fazerem muitas cousas, como as já referidas, e ainda para promovermos um outro tipo de lazer. Por isso, estamos de festa...

A. Díaz (A.C. Revira)

LIBERTANDO OS VISIONS?

A eucaliptizaçom e os incêndios, entre outras muitas causas, tenham conduzido a umha realidade ambiental dramática em muitas comarcas do País. Nesses lugares, a extrema degradaçom da natureza é evidente, e os únicos redutos que restam à fauna autóctone de vertebrados, como insectívoros pequenos e médios, carnívoros do taman-

ho do tourom, a lontra ou mesmo espécies omnívoras, som os *bosques ripícolas* que se distribuem ao longo dos rios. Esse é o único acovilhado onde podem encontrar alimento e protecçom. Um refúgio assaltado da noite para a manhã por centos de animais carnívoros, espalhados pelas ribeiras, alimentando-se do que encontram, após terem sido libertados de um suplício que nom tem justificaçom. Sinceramente, creio que há melhores procedimentos que as 'excursions nocturnas' para abrir as gaiolas dos visions. Porém, a simplificaçom das ideias e a militância por impulsos som um signo destes tempos. Por isso continua a ser fundamental recuperar o espírito crítico baseado na análise da informaçom. Libertar visions é poupar esforços enveredando por um atalho que provoca um problema, também silencioso. Como o que padecem estes animais.

Pedro Alonso (Ames)

Acumular forças pola Autodeterminaçom

BASES DEMOCRÁTICAS GALEGAS

“O PROCESSO DE REFORMAS AUTONÓMICAS TERÁ SUCESSO SE SE APLICAR SOBRE MOVIMENTOS POPULARES DESARTICULADOS, COM A ESQUERDA CAPITALISTA ABSORTA POLOS ORÇAMENTOS DO ESTADO E OS ESPAÇOS DO CIRCO MEDIÁTICO VENDIDOS A PREÇO DE SALDO”

O processo de reajustamento interno da democracia bourbónica está a entrar na sua fase definitiva. Quase três décadas de liberdades tuteladas, monarquia imposta, neoliberalismo a crescer e tentativa de regionalização das identidades nom espanholas servírom para fortalecer o Estado contra as dissidências populares, mas nom finalizarom o trabalho. Está na hora de as elites actualmente governantes rematarem a tarefa com mais um verniz de modernização à medida das burocracias periféricas: apontamento do sistema autonómico e novos regionalismos para todos: deixam que nos chamemos ‘naçom’ porque vai ser, em último termo, a soberania espanhola a sancionar o nosso status. E com um termo ou outro, Madrid acouta de partida o terreno de jogo enquanto as decisons estratégicas, as que afectam as maiorias trabalhadoras, continuam a resolver-se no espaço estratosférico, onde o capitalismo joga as suas cartas: longe da Galiza, longe dos parlamentos, modulando as condutas governamentais por meio de cadernetas de cheques e de chantagens.

Zapatero em Espanha e o tandem Tourinho-Quintana na Galiza desenvolvem ajuizadamente o seu papel: o processo de reformas autonómicas terá sucesso se se aplicar sobre movimentos populares desarticulados, com a esquerda capitalista absorpta polos orçamentos do Estado e os espaços do circo mediático vendidos a preço de saldo; se a população assiste adormecida ao choque virtual com a extrema-direita, em lugar de observar criticamente a realidade que piora. Enquanto os incautos pensam que a valentia dos democratas governantes nos protege da agressividade dos outros, o retrocesso popular nom para na Galiza: catástrofe ambiental, deterioraçom laboral, desfeita urbanística e depredaçom da costa, ritualização do idioma, ausência de debate público e maço sobre as grandes questons em que se dirime o futuro colectivo. Para alguns, a

ambigüidade e fraqueza governamentais alimentam involuntariamente estas e outras calamidades; para outros, que vamos sendo maioria, a inaçom governamental é fruto da cumplicidade deliberada de quem só aspira a blindar as suas prebendas assegurando o apoio dos que mandam de verdade.

Na nossa história recente, a reivindicaçom soberanista e a oposiçom frontal a todo o estatutismo comportou-se como catalisador das mais significativas lutas populares. A autodeterminaçom, situada como horizonte irrenunciável implicava a auto-organizaçom como requisito quotidiano para edificar um País que nom precisava de subvençons, políticos profissionais nem favores mediáticos. As pessoas que hoje nos reunimos nesta praça nom o fazemos por acreditarmos nas virtudes das efemérides ou das contra-efemérides; fazemo-lo com o intuito de construirmos um espaço autodeterminista que atinja esse conjunto de projectos populares, políticos ou sociais que se espalham pola Galiza toda, ampliando o seu potencial e promovendo a sua activaçom em chaves de soberania nacional e contra a fraude das reformas. Seria preciso que as galegas e os galegos que nom nos contentamos com as faragulas de Madrid estivéssemos à altura dos nossos inimigos: se eles preparam com esmero a liquidaçom definitiva da nossa causa nacional e a deserçom dos movimentos do cenário do combate, cumprirria que nós desenhássemos com rigor umha intervençom sustentada, multiplicadora e que desse coesom àqueles sectores que nom se vendem. O consenso de todos os que mandam – já sem máscaras de nenhum tipo – para relegar a naçom à dependência e os trabalhadores aos ditados neoliberais, deve ser contestado com a maior das amplitudes e a maior das contundências. Um movimento de movimentos pode erodir o autonomismo e fazer-nos dar passos significativos para a autodeterminaçom do futuro.

NOVAS DA GALIZA

EDITORA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

CONSELHO DE REDAÇOM
Alonso Vidal, Antom Santos, Iván García, Xiana Árias, Sole Rei, F. Marinho, Gerardo Uz, María Álvarez, Eduardo S. Maragoto, André Castelleiro

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Miguel García, C. Barros, A. Vidal, X. Árias

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel García

FECHO DA EDIÇOM: 15/12/06

INTERNACIONAL
Duarte Ferrín
Nuno Gomes (Portugal), Jon Etxeandia (País Basco) Juanjo García (Países Cataláns)

COLABORAÇONS
Opiniom. Maurício Castro, X. Carlos Ánsia, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, R. Pinheiro, Carlos Taibo, Germán Ermida, Celso Á. Cáccamo, Jorge Paços, Adela Figueroa, João Peres, Pedro Alonso, Luís G. Blasco ‘Foz’, Alberte Pagán, Concha Rousia, Xurxo Martínez, Alexandre Banhos, Iván Cuevas, Raul Asegurado, Miguel Penas. **Música.** Jacobe Pintor. **Galiza Natural.** João Avelado. **Semalidade.** Beatriz Santos. **Língua Nacional.** Valentim Efigim. **Descobre o que sabes.** Sálva Gomes. **Desportos.** Anxo Rua Nova, Xavier S. Paços. **Cozinha.** Joana Pinto, Miguel Burros, Ana Rocha

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ
Natália Gonçalves

ASSINANTES
Irene Cancelas Sánchez

PUBLICIDADE
Natália Gonçalves

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartín, Pepe Carreiro, Pestinho +1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas, Farruquinho, Aduanciros sem fronteiras, Xosé Manuel

CORREÇOM LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto
Fernando Vázquez Corredoira
Vanessa Vila Verde

D.LEGAL C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproducçom respeitando a ortografia e citando procedência. A informaçom continua periodicamente no sítio web www.novasgz.com e no portal www.galizalivre.org.

ALTA VELOCIDADE PARA IRMOS A NENHURES

Outro grande projecto estratégico paira sobre as nossas cabeças no mais preocupante dos siléncios. A Galiza ajusta as suas linhas ferroviárias ao novo plano da alta velocidade que as instâncias estratosféricas da Europa política impugêrom no início de 2000. Por enquanto, só algunha voz do ambientalismo se fai ouvir no recanto jornalístico que os media reservam à oposiçom, como quota de mercado presenteada à correcçom política. Com a obra consumada, erguerá-se o milhar de vozes críticas com o esbanjamento, a irracionalidade ou a desfeita do rural, como hoje se ergue o clamor virtual contra as obras de um Gaiás que quase todos aceitaram com timidez reverente. Quem viajar atento, hoje em dia, num dos últimos trens de proximidade, poderá deter-se a observar a sucessom daquelas velhas estaçons ferroviárias comestras pelas silvas, em situaçom ruínosa, que nos lembram os tempos em que o comboio ligava as localidades e os seus povos, e nom os centros neurálgicos de umha economia que já saturou os

céus e agora desertifica de vez terras e paróquias. Deslocamento de executivos e turistas em troca de meio de transporte para as pessoas mais modestas; uniom vertiginosa de duas ilhas num espaço neutro, em troca de conexom em rede de toda umha malha geográfica e social; complemento à loucura sanguinolenta de turismo e auto-estradas, em troca de substituiçom progressiva do individualismo do ‘volante’. Com a obsessom de ‘encurtar distâncias’, terminamos no afastamento abismal com a nossa realidade mais íntima e próxima, que se nos apresenta alheia e prescindível. O TAV é umha estocada mui séria e ameaçadora aos últimos reductos que, na Galiza, fugiram às consignas da pressa e o produtivismo idiota que nos dita a modernidade tecnológica. Em ausência de grandes descontentamentos de massas, cabe à investigaçom, à palavra e à denúncia, um lugar de privilégio. As pessoas e os movimentos podem ser desnaturalizados, mas as ideias voam livres e acabam por se encontrar e florescer no protesto organizado.

HUMOR





NOTÍCIAS



A ilha de Toralha, na Ria de Vigo, é um paradigma clássico de degradação da costa para benefício de construtores, políticos e milionários

No Návía-Eu, sob administração asturiana, a lei vigora desde há anos

Presidentes do PP preocupados pola lei dos 500 metros anunciada pola Junta

REDACÇOM / Presidentes de diferentes Cárteras municipais gobernadas polo PP están a mostrar publicamente a súa preocupación pola nova lei de costas anunciada por María José Caride, conselleira da Política Territorial. O presidente da Cámara de Lalim, em nome da Federación Galega de Municipios e Provincias, que também preside, nom foi o único que levantou a súa voz deixando entrever que atrás da lei se esconde o propósito de “demonizar” gobernantes locais, convertendo vereadores e presidentes de cámaras em “bodes expiatorios” dos problemas urbanísticos. Ainda que

nem de longe se poda dizer que os outros partidos que governaram os nossos concellos estejam isentos de culpa, sim parecem estar neste partido os políticos que ficaram mais preocupados com o rascunho desta nova lei. Também no sector do empresariado se pudo notar certa preocupação nos primeiros dias, que no entanto pareceu desaparecer depois da reunião que mantiveram Touriño e Antonio Fontenla (da Confederación de Empresários da Galiza) em que este chegou a afirmar que a lei apenas bloquearia “algum investimento concreto”. A galega nom seria a primeira

comunidade autónoma afectada por unha lei semelhante, e outras como a Catalunya ou as Astúrias encontra-se muito avançadas nesta questão. De facto, unha pequena parte da Galiza, a comarca Návía-Eu, encontra-se subordinada ao Plano de Ordenação do Litoral Asturiano (POLA) que mesmo prevê que nalguns pontos a limitação da voragem construtora seja limitada nom em 500 metros mas num quilómetro. Porém, nesta comarca, a realidade é mais permissiva do que se pensa, e em concellos como a Veiga ou Tápia de Casarego construiu-se sem demasiado problema nos últimos anos,

inclusive sem se respeitarem os 200 metros vigentes no resto da Galiza. De facto a lei apenas prevê a qualificação ‘preventiva’ como nom urbanizável do solo dessa faixa costeira. Assim, o ambientalismo critica que o POLA permita campos de golfe nessa faixa e indicam que, afinal, é cada cámara municipal a decidir onde é solo urbano e onde nom, ou se este chega ou nom à beira do mar. E é que, como no caso da norma galega, a medida nom afecta solo urbano consolidado, isto é, nom será possível proteger, de um ponto de vista ambiental, terrenos entre os quais já foram levantadas edificações.

Despovoamento do rural ameaça futuro das aves de rapina

Apesar de contarem com má reputação, desempenham umha função essencial no equilíbrio biológico e o controlo de pragas

REDACÇOM / Muito se tem falado das consequências negativas que terá para os galegos e galegas o progressivo abandono do meio rural. Para as próprias pessoas que ainda residem nesse âmbito e que tenham na agricultura a sua forma de vida, umha das primeiras repercussões negativas está a ser a inflação dos preços do solo. Para quem já partiu, problemas de desarraigamento.

Para o próprio meio natural, as consequências estão a ser nefastas, pois os montes abandonados revelam-se como umha bomba pronta a estourar com resultados imprevisíveis nos Verãos – dúzias

de incêndios diários –, e ainda contra o Outono – com chuvas torrenciais.

Umha outra consequência negativa está a ser o equilíbrio biológico, que corre um grande risco se fossem confirmadas as piores expectativas da Associação Sectorial Florestal Galega (ASEFOGA). Esta organização assegurou ao NOVAS DA GALIZA que “entre 40 e 50 por cento das espécies de aves de rapina da Galiza temem ameaçada a sua sobrevivência”.

Segundo confirmaram a este periódico, das 28 espécies que se registam na Galiza, entre as mais ameaçadas estão o milhafre e a

águia, cuja população desceu vertiginosamente nos últimos anos, nomeadamente graças “ao seu lento ciclo biológico – nom costumam pôr mais de dous ou três ovos –, que está combinado com umha mortalidade de cerca de 25 por cento”.

Controlo de pragas

Outros perigos habituais para estas aves encontramos na deficiente infra-estrutura eléctrica – som freqüentes as electrocussões –, o uso abusivo de fertilizantes e de pesticidas – determinados componentes afectam a composição da casca dos ovos, tornando-a

excessivamente dura ou mole – ou as repovoações maciças com eucaliptos, “espécie arborecente muito agressiva com o meio e que nom favorece a presença das presas predilectas destas aves”.

Apesar da má imagem que tradicionalmente temem estas aves, “o seu papel na natureza é essencial, já que para além de serem excelentes indicadores da saúde ambiental – pois som muito exigentes quanto a determinadas necessidades ecológicas –, mantêm constante a população de roedores e de insectos, ademais de exercerem de mecanismo natural de controlo de pragas”.

Constituem em Trás-Ancos a Plataforma Ártabra-21

REDACÇOM / Um nutrido grupo de colectivos e organismos da comarca de Trás-Ancos constituíram a Plataforma Ártabra-21 em defesa de um desenvolvimento sustentável com base no ambientalismo, a defesa dos serviços públicos, o direito à habitação e a preservação da língua e património, entre outros objectivos. Na sua assembleia fundacional aprovaram apoiar umha mobilização contra a central de Gás promovida por Reganosa que se está a construir em Mugarbos, como também solidarizar-se com a vizinhança do bairro de Sarranta na oposição à construção de um centro de lazer privado na sua praça principal.

Num recente comunicado questionam a decisão da Cámara Municipal de Ferrol que resolveu retirar os recursos judiciais contra a presença da central gasística no coração da ria. Este acordo contou com o apoio inicial do BNG e a sucessiva abstenção deste grupo e o PSOE, o que permitiu a retirada da totalidade de recursos à iniciativa do PP. Para Ártabra-21, esta atitude “é consequência de umha política errática das duas forças da oposição, que antepõem políticas baseadas em interesses por cima da defesa da ria e a segurança dos seus habitantes”.

Fecham de novo a Via Rápida do Morraço

REDACÇOM / A saída principal do corredor de alta capacidade do Morraço em Cangas foi cortada por quarta vez este ano na segunda semana de Dezembro. A intensidade das chuvas acabou por provocar movimentos num penedo de 60 toneladas que ficou ao descoberto ameaçando a própria via, de maneira que Política Territorial ordenou o encerramento até se proceder à retirada da rocha e o apontamento da área. O risco de despindimentos foi também a causa dos anteriores encerramentos da via, o que ocasionou o desconforto dos usuáries desta obra infraestrutural que foi contestada por numerosos organismos e vizinhos da comarca durante anos por considerá-lo um corredor de grve impacto ambiental e social, perigoso, desnecessário e que nom resolve os problemas de engarrafamentos e acidentalidade. A esta problemática há de somar-se a localização, na falda de umha montanha atacada polos incêndios deste Verão, o que está a intensificar os efeitos climatológicos sobre o seu traçado.

Novas da Galiza é utilizado como prova documental num processo judicial no Chile

Detenhem dono de Cirsa na Argentina quando tentava introduzir 500.000 euros sem declarar

REDACÇÃO / O presidente da Corporação Cirsa Manuel Lao Hernández foi detido, junto com dous executivos do grupo, com 500.000 euros sem declarar no passado dia 14 de Dezembro num aeroporto argentino. À chegada do voo privado procedente de Espanha, os agentes aduaneiros localizaram o dinheiro numerário entre a bagagem dos detidos, caixas de presentes e outras de presuntos, de maneira que puseram os factos em conhecimento das autoridades judiciárias. Estas permitiram a libertação dos argüidos, perante as "moléstias estomacais" de Lao, que rapidamente saiu de avião do lugar dos factos, conforme recolhe a imprensa latino-americana. No entanto, terá que pagar uma sanção estimada entre 500.000 e 1.500.000 euros, para além do arresto do dinheiro localizado. A detenção dos executivos foi completamente silenciada pela imprensa espanhola. Segundo fontes a que tivo acesso este jornal, a chegada de Manuel Lao coincidia com a presença na capital argentina do Superintendente de Casinos e Jogos do Chile, Francisco Javier Leiva, que está a ser investigado pela Procuradoria Económica e de Funcionários deste país em relação com as suas acções no que di respeito a Cirsa por suposta prevaricação.



Acta de Intervención Alfandegaria em que se detalha o achádegado dos 500.000 euros

Este incidente corrobora as denúncias publicadas no número 25 do Novas da Galiza, que apontavam a que a empresa vinculada aos jogos da sorte participava em operações de branqueamento de

dinheiro procedente do narcotráfico. Na altura fazíamos públicas, entre outras, as investigações do magistrado Baltasar Garzón, que iniciara a instrução 251/99 para investigar actividades irregulares

em que Cirsa estava implicada, derivando na detenção de vários executivos e evitando inculpar Manuel Lao. Este sumário encontra-se fechado na prática, sem ter concluído a investigação de responsabilidades. Esta publicação já revelara na altura a existência de investigações por parte das autoridades argentinas sobre as actividades ilícitas da companhia, como também informara sobre as conexões do seu máximo dirigente com elementos da cúpula do PSEO.

No passado mês de Agosto, Cirsa apresentou uma querrela por injúrias contra um advogado do rival Grupo Martínez que figura declarações que apontavam à vinculação da empresa de Lao com o branqueamento de capitais. Neste processo aberto, o mencionado número de Novas da Galiza está a ser utilizado como prova documental das actividades ilícitas da multinacional do jogo. Por sua vez, o representante legal de Martínez, Jorge Bofill, interpeju simultaneamente outra demanda contra Manuel Lao por "denúncia caluniosa". A Corporação Cirsa, fundada em 1978, integra 225 empresas com 12.000 empregados no total e conta com presença em 70 países. O grupo é proprietário na Galiza do Casino da Toja e o Grande Hotel Samil de Vigo.

CRONOLOGIA

- ◆ 10.11.2006
Visita de Touriño à Alemanha e à Suíça para contactar com entidades galegas nos dous países.
- ◆ 11.11.2006
Procuram marinheiros desaparecidos na costa da Namíbia.
- ◆ 12.11.2006
Touriño anuncia que o novo estatuto recolherá que os emigrantes ham de ter um retorno justo à Galiza.
- ◆ 13.11.2006
Quarto aniversário do afundamento do Prestige. Ex-conselheiro das Pescas López Veiga acusa o governo bipartido de nom ter feito nada.
- ◆ 14.11.2006
Vice-presidente Quintana fala em galego no Conselho de Ministros da Cultura da UE depois de tê-lo feito o conselheiro do Trabalho Ricardo Varela dias antes.
- ◆ 15.11.2006
Reuniom entre Touriño e Feijóo para levar avante projecto do novo Estatuto de Autonomia.
- ◆ 16.11.2006
Rajoy di que levará o novo Estatuto galego ao Constitucional se recolhe a definição de 'naçom'.
- ◆ 17.11.2006
Telefónica sancionada pela segunda vez com a maior multa por nom oferecer serviços ao operador Jazztel.
- ◆ 18.11.2006
O governo galego e o português

Debate sobre a hora galega irrompe com forç nos meios após a Assembleia Nacional do BNG

REDACÇÃO / Para além do fulgurante regresso de X. M. Beiras à luta política dentro do Bloco Nacionalista Galego, o rescaldo mediático da assembleia da frente deixou outros debates em cima da mesa. Um deles, absolutamente inesperado até para os sectores mais avançados do reintegracionismo político. O plenário do dia 3 de Dezembro decidia unanimemente que o Bloco começasse a trabalhar em prol da acomoda-

ção da Galiza à sua hora natural, coincidindo com a oficial em Portugal. Os meios de comunicação madrilenos aproveitaram a iniciativa para dirigir ao BNG todo o tipo de qualificativos sarcásticos, ainda que em poucos dias parecerom decidir silenciar o tema, visto a opiniom dos científicos e mesmo da Comissom Nacional para a Racionalização dos Horários Espanhóis ser claramente partidária à proposta.

Polo contrário, a imprensa galegal mostrou-se receptiva à análise da proposta, e nalgum caso, como nas páginas do Galicia Hoxe, chegou-se a fazer uma defesa explícita da mesma. Também a populaçom recebeu com interesse a iniciativa, ainda que os inquéritos que por enquanto tratárom a questom nom sejam demasiado fiáveis. Mesmo assim, a maior parte dos líderes do BNG, perante as perguntas dos meios de comu-

nicação e do Partido Popular, tentárom restar importância à decisom assemblear, tirando-lhe o carácter de prioritária. Touriño, por sua vez, já se manifestou contra o mudança de fuso horário. Cumpre lembrar que a normalização do horário galego é uma velha reivindicação de diversos colectivos de tendência reintegracionistas, que mesmo tenham realizado campanhas em prol da mesma.

o pichel
centro social
rua santa clara, 21
compostela

CENTRO SOCIAL
A tren!
Precisamos de tan xuda: colaborad!
centro@trein.com
Travesa San José, 2 (Rúa do Outeiro)
15.002 COMPOSTELA
Colaboradores: 2091-0012-18-304081295

LOCAL SOCIAL
REVOLTA
Rua Real, 32
Apdo. 287 - 36200 VIGO

16
o-dezaseis
Casa de Xantar

Contom do S. Bieito, 4 - COMPOSTELA GALIZA



anunciam que o AVE atlântico estará a funcionar em 2013.

◆ 19.11.2006

Inquérito de La Voz de Galicia oferece melhores resultados aos socialistas nas municipais.

◆ 20.11.2006

Forte temporal. Cortada via rápida do Salnés e Vila Garcia nom se recupera das inundações.

◆ 21.11.2006

Futuro de ASTANO enfrenta proprietários e SEPI com a Junta para a entrada de capital privado.

◆ 22.11.2006

Forte debate por causa da lei de protecção da costa entre o presidente da Junta e Feijóo.

◆ 23.11.2006

Junta assina convénio com caixas para concessão de microcréditos para mulheres empreendedoras.

◆ 24.11.2006

Junta e Ministério do Meio Ambiente colaboraram para a protecção do litoral.

◆ 25.11.2006

Umha outra vítima durante o temporal perto de Cedeira.

◆ 26.11.2006

Nigerianos de Vigo pedem resolução por morte de umha compatriota aparecida no cais da cidade.

◆ 27.11.2006

Feijóo reconhece que a macroeconomia galega anda bem mas que em 2007 os galegos viverám pior.

◆ 28.11.2006

Em Vila Garcia 800 crianças nom podem ir à escola ao se inundar escola municipal.

◆ 29.11.2006

O temporal deixa na Galiza sete estradas cortadas e 1.200 crianças sem escola.



A presa independentista Giana Gomes saúda as e os participantes na marcha com umha bandeira nacional improvisada, da sua cela no cárcere de Brieva

Meio cento de pessoas levou a sua solidariedade até os cárceres espanhóis

Primeira marcha às prisons de Ávila e Cáceres em apoio de Giana e Ugio

REDACÇOM / Desde os últimos anos oitenta e princípio dos noventa nom se produzia na Galiza um cortejo destas características. Cárceres espanhóis voltam a albergar no seu interior dous independentistas desde há mais de um ano. A dispersão dos presos e presas políticas ao largo do território espanhol dificulta a conexão das pessoas detidas com o seu âmbito familiar e social, que há de fazer enormes esforços económicos e físicos (as viagens realizam-se normalmente à noite) para que os seus chegados nom

deixem de receber visitas todas as semanas. As marchas som umha maneira de paliar esta situação, “levando às prisons o calor humano e político” de pessoas que desejam fazer a visita apesar do cansativo que podem ser tantas horas de viagem. Nesta ocasião fôrom 1700 km. de ônibus em só 28 horas. Polas palavras de umha representante do organismo anti-repressivo Ceivar, organizador da primeira marcha às prisons em apoio de Giana Rodrigues e Ugio Camanho, a viagem voltará “a repetir-se todos os

anos que seja preciso até conseguir a repatriação e a liberdade dos detidos”. Apesar das longas horas de deslocamento, “o ambiente é dos que vale a pena viver”, indica-nos um dos viajantes. As pessoas, durante toda a viagem, vam mui unidas por um sentimento de solidariedade, e “neste contexto, a solidariedade tem um valor ético, político e humano transcendental”. Este ano deslocárom-se cinquenta, muitos e muitas da quais nom conheciam as pessoas presas. Saírom da Corunha à meia-noite, recol-

hêrom gente em Compostela e Vigo e na manhã do domingo 17 chegárom a Cáceres, onde se encontra Ugio Camanho, que apesar das dificuldades conseguiu comunicar com a ‘marcha’ pendurando umha bandeira galega na janela da sua cela. Chegou entom o momento de partir para Brieva, na provincia de Ávila, onde se produzirom momentos de grande emoção, pois Giana Rodrigues chegou mesmo a poder falar “aos berros” com as pessoas que de fora faziam penetrar os seus cánticos nos muros da cadeia.

Primeira Linha realiza o seu quarto congresso em Ferrol

REDACÇOM / A organização comunista Primeira Linha realizou no passado dia 16 de Dezembro o seu quarto congresso, com o slogan ‘Revolução Galega’, na cidade de Ferrol. Neste encontro aprovou a gestom realizada nos últimos anos e desenvolveu umha tese política destinada principalmente a negar a definição da Galiza como colónia espanhola na sua análise da dependência nacional a partir de perspectivas histórico-políticas. Porém, o congresso concluiu que existe umha relação

directa entre esta dependência e o “atraso económico e social do País”, de maneira que identifica a independência como “umha necessidade que este povo tem para sobreviver”. Os Estatutos fôrom modificados parcialmente para “actualizar a estrutura partidária consoante as mudanças acontecidas”, enquanto o plenário reelegue Carlos Morais como Secretário Geral. O novo Comité Central apresenta um perfil continuísta em relação ao que dirigiu Primeira Linha desde o congresso de 2002.

Aguilhoar quer recuperar memória histórica de Antela

REDACÇOM / A associação limiá Aguilhoar pretende dar a conhecer a perda que sofreu esta comarca com a desapareção da lagoa de Antela: “Poucas pessoas sabem já que umha lei aprovada em Madrid, num mês de Dezembro de há cinquenta anos, sentenciava à morte a nossa Lagoa.” Quarenta e dous quilómetros quadrados faziam da Lagoa de Antela o espaço lacustre mais importante da Península, acolhendo umha fauna e flora muito diversificada. Paragem obrigada de gansos, cisnes e patos que nunca mais

se vírom na Límia e mesmo na Galiza, servia de pastagem para milhares de cabeça de gado, mas sobretudo singularizava esta zona e até o País inteiro como poucas paragens naturais. A Aguilhoar pretende instituir um acto em lembrança da que consideram “penosa data de 27 de Dezembro”. Na actualidade, após “50 anos de esquecimento, hoje a lembrança mais nítida que podemos deter sobre a Lagoa, é um canal, afogado de represas, endireitado pola furiosa maquinaria” de vários regimes políticos dirigidos por Madrid.



Os dous detidos dois dias depois de serem libertados em Compostela

Dous jovens sofrem torturas depois de se manifestarem contra a política israelita e a visita de Shlomo Ben-Ami

REDACÇOM / Dous estudantes compostelanos fôrom detidos entre agressões e levados à esquadra policial no passado dia 21 de Novembro, onde permaneceram catorze horas e sofrêrom torturas. O testemunho dos jovens é esclarecedor, como também som as marcas deixadas polas Forças de Segurança do Estado no corpo de um dos detidos. Apesar disso, o mutismo nos meios de comunicação convencionais foi absoluto e numha conferência de imprensa oferecida polo organismo anti-repressivo Ceivar, seis dias depois do acontecido, só se apresentárom meios ligados a redes informativas alternativas.

Para Ceivar nom é compreensível que a investigação dos factos nom avance, quando foi reclamada por numerosos colectivos políticos e sociais e até foi presenciada por diversos cargos políticos que se encontravam no acto do ex-ministro israelita, como Méndez Ro-meu, Camilo Nogueira ou Manuel Ameijeiras. Deste último, delegado do Governo espanhol na Galiza, e de Obdulia Taboadela, subdelegada do anterior na Corunha, pedírom a destituição imediata por “claros co-responsáveis” da actuação policial.

Impunidade policial
“O único que se fijo foi berrar,

em nenhum momento se interrompeu o tránsito, nem se impediu a entrada à sala de conferências em que se ia realizar o acto”. Para A.L., um dos jovens detidos acusados de desobediência e injúrias que nunca se produzírom, a carga “começou sem mais”, como nos asseguram outros presentes na concentração, que assinalam que os dous jovens fôrom conduzidos às carlinhas policiais fazendo uso de umha agressividade desproporcionada, mesmo punhadas nos genitais. Em seguida começou o medo que os policías alimentárom com o conhecido jogo do ‘bom e do mau’: “Levárom-nos para

um parque de estacionamento que nom tinha câmaras e onde fômos malhados por três policías, entre eles os dous que conduziam o carro. O ‘policia bom’ começou a pedir ao colega para se acalmar, mas este nom atendia e voltava a dar outra cacetada.” Depois, noutra sala, as provocações dos policías incluíam golpes na cabeça dados com umha mao enluvada e ameaças do tipo “vou-che meter o corno polo cu”. O resultado, por enquanto, como de costume: os agredidos serám criminalizados e poderám ser condenados enquanto os policías continúam a gozar de impunidade.

NOVAS DE ALÉM-MINHO

NUNO GOMES / Em 2004 o saldo comercial entre o Norte de Portugal e a Galiza foi favorável à região portuguesa. Os dados disponíveis indicam que, no período entre 1994 e 2004, este foi o primeiro ano em que tal aconteceu. O crescimento das trocas neste período entre o Norte e a Galiza foi de 391%, enquanto que no sentido inverso o aumento foi de 276%.

Depois do Museu da Língua Portuguesa ter sido criado em São Paulo (Brasil), chegou a vez de Lisboa ter o seu museu da língua. Este terá o nome de O Mar da Língua, e será instalado até 2008 no edifício ocupado até agora pelo Museu de Arte Popular, em Belém. A ideia terá partido do grande sucesso obtido até agora pelo museu de São Paulo (o mais visitado do país), mas o seu congénere lisboeta

não se dedicará apenas à língua. Como o seu nome indica, este museu fará a ligação entre a língua e os Descobrimentos.

Um ano após a sua criação, entrou em funcionamento a Uniminho, a primeira associação transfronteiriça da Península Ibérica. A sua criação parte da CIVM (Comunidade Intermunicipal do Vale do Minho) e a Deputação de Ponte Vedra, e engloba municípios das duas comunidades. Terá cinco áreas de acção principal: Emprego, Turismo, Meio Ambiente, Sociedade de Informação e Infra-estruturas e Serviços. A sede é em Valença e terá disponíveis 500 milhões de euros para investir em projectos comuns até 2013.

A euro-região Norte de Portugal/Galiza criou uma pla-

taforma de cooperação que tem o mar como motor de desenvolvimento económico. Esta cooperação incidirá na qualidade do meio marinho, nos seus recursos, na biotecnologia, na construção naval, no sector alimentar e na cultura/lazer. O objectivo principal será candidatar a euro-região (e ainda o centro de Portugal) a programas de apoio como o Programa Operacional Regional ou o INTERREG. O aproveitamento dos fundos do INTERREG levou também as duas regiões a unirem-se no combate aos incêndios. 5 milhões de euros serão distribuídos na compra de novas viaturas de combate aos incêndios e na construção/ampliação de infra-estruturas de apoio aos bombeiros (apenas na Galiza), assim como em acções conjuntas. A primeira realizou-se no dia 9 de Dezembro com um simulacro

na fronteira de Chaves.

A conclusão do troço entre o Porto e Valença (da nova ligação ferroviária Lisboa/Corunha) estará terminado em 2013. O troço será em Velocidade Elevada (até 250 km/h), e o tráfego será misto (passageiros e mercadorias). A primeira fase, até 2013, consistirá na conversão da bitola da linha entre Porto e Braga (ibérica) para a europeia (e obras de valorização do troço Contumil-Ermesinde e na Trofa) e a construção de uma nova linha entre Braga e Valença, em bitola europeia. É deixada para outra fase a construção de uma nova linha entre o Porto e Braga, que passaria no aeroporto Francisco Sá Carneiro, que fica pendente da evolução da procura. O custo da primeira fase será de mil milhões de euros.



◆ 30.11.2006

Junta destinará 5 milhões de euros para ajudas contra desastres das inundações.

◆ 01.12.2006

Novo navio para a luta contra da contaminação marítima terá a base em Corcubiom.

◆ 02.12.2006

Início da 12ª assembleia do BNG em Compostela após três anos desde a eleição de Quintana.

◆ 03.12.2006

Assembleia do BNG aprova novo sistema representativo por delegados. Beiras di que BNG renuncia a um dos sinais de identidade.

◆ 04.12.2006

Vice-presidenta do Governo espanhol reúne com empresários afectados polas cheias, que pedem isenções fiscais.

◆ 05.12.2006

Vice-presidente e presidente da Junta pedem para se fazerem esforços para chegar a um acordo na reforma do Estatuto de Autonomia.

◆ 06.12.2006

Encerrada a via do Salnês durante 5 meses para ser reparada.

◆ 07.12.2006

Junta destinará, em 2007, 40 milhões de euros para novas tecnologias nos centros de ensino.

◆ 08.12.2006

Junta di que corredor do Salnês nom poderá estar arranjado em cinco meses por substituição de canalizações defeituosas.

◆ 09.12.2006

Zonas sem luz na Galiza por culpa do temporal.

◆ 10.12.2006

Plano de reformas na central térmica das Pontes em andamento; metade da energia é produzida com carvão importado.

INTERNACIONAL



Pinochetismo continua no Chile apesar da morte do ex-ditador

DUARTE FERRIN / O pinochetismo som as privatizações, a venda de empresas públicas, o reverso da reforma agrária, a concentração da riqueza... e tudo continua igual, com a mesma **Constituição, as mesmas leis laborais, o mesmo sistema judicial, e com certeza as mesmas forças armadas: o pinochetismo sem Pinochet continua exactamente igual.**

O primeiro que fijo Pinochet, paralelamente ao assassinio, a tortura e o exílio de muitas pessoas, foi passar todas as empresas públicas para o sector privado, para novos e velhos grupos de capitalistas que passaram a ser multimilionários. Pinochet foi a vanguarda dos actuais privatizadores, para o qual recebeu todo o apoio do Banco Mundial. Recebeu muitos empréstimos cuja contrapartida era o que chamam as leis de flexibilidade laboral, despojuando de todos os direitos os operários e operárias e concentrando o poder no grande capital.

Depois impujo um plano de austeridade para os trabalhadores e as trabalhadoras, entrementes punha incentivos ao grande capital. Nessa época, todas as medidas tinham que passar pela ditadura. O sindi-

calismo classista e o movimento camponês continuavam fortes, e para implementar o que os parlamentares fã agora com liberdade e com a cumplicidade dos sindicatos e dos líderes populares corruptos, nessa época, posterior a Allende, era preciso impô-lo com a força da repressom.

Agora, as antigas práticas económicas e sociais de Pinochet som idênticas às que estão a aprovar os governos civis, e a chamada Verdade e Reconciliação é só umha farsa para os militares darem simplesmente testemunho das matanças, para que depois seja tudo perdoado.

Os líderes dos partidos que fõrom para o exílio a correr, abandonando as bases populares, voltam depois de castigados por Pinochet, pacificando com ele e aceitando a sua

Constituição; a lição que aprenderõ do golpe é que 'há que acomodar-se à burguesia porque senom vam castigar-nos e tirar-nos os nossos assentos no Parlamento, na Presidência e nos Ministérios'. Entom Pinochet fica ameaçante na memória de todos os parlamentares que se autodefinem progressistas e esquerdistas. Nesse sentido, todos os partidos que seguem esta linha som cúmplices de Pinochet. As Forças Armadas do Chile, gerõrom-se sós e a capacidade do Executivo para as submeter à sua vontade é praticamente nula. Aliás, as FFAA tenhem um grande poder sobre o Executivo e demais poderes do Estado: é o poder de veto (e açom violenta, se o estimarem necessário) que lhes dá o monopólio único e exclusivo das armas.

O trabalho sujo dos exércitos privados

Quando explode umha bomba num mercado do Iraque, nom está descartado que seja a mao de algum obscuro mercenário contratado

REDACÇOM / Os mercenários privados contratados polo governo dos EUA que operam no Iraque som uns 100.000, que somado a um número indeterminado de subcontratados dá um total que se achega ao da força militar estado-unidense no Iraque. Estes contratados desempenham tarefas antes reservadas aos soldados: construções de bases militares, provison de serviços logísticos ao exército, 'fornecimento de segurança' e 'interrogatório de prisioneiros'. No Iraque e no Afeganistão treinam as forças armadas locais e participam em açoms de combate. Os mercenários, estado-unidenses e de outras nacionalidades, som recrutados por companhias 'provedoras de segurança', cujas casas matrizes se acham, sobretudo, nos EUA e na Gram Bretanha. Muitos provenhem de forças especiais e serviços secretos, que deixam para ganharem mais: um comando de umha companhia privada pode ganhar mais de 300.000 euros por ano, cinco vezes o que ganha um comando do SAS britânico.

Estas empresas, como a DynCorp ou a Blackwater, formam especialistas da guerra e da repressom. No campo de operações, eles tenhem licença para matar: um documento do comando dos EUA, autoriza as companhias militares privadas no Iraque para usarem 'força

letal' nom só para a autodefesa, como também para 'defender a propriedade', e também para 'deter e confiscar civis'. Desde o ano 2003 fõrom justificados no Iraque 650 destes mercenários contratados. Mas seguramente o número é mais alto, dado que a maior parte das mortes nom som registadas.

Os seus clientes costumam ser empresas multinacionais, o Pentágono, o Departamento de Estado e mesmo a CIA e o FBI, e operam por todo o mundo.

A guerra do Iraque é desenvolvida sobre dous planos: um, à luz do dia, com bombardeamentos e operações em terra efectuados pelas forças estado-unidenses e aliadas; outro, secreto, com operações levadas a cabo nom só pelas forças especiais, como também polo exército na sombra dos mercenários. Este último é sem dúvida usado no Iraque para desenvolver umha estratégia favorável aos interesses estado-unidenses: a divisom do país em três partes (xiita, curda e sunita) ou até em mais partes ainda. Tal estratégia, já efectuada nos Balcãs, é, cada vez mais, vista por Washington como única alternativa para que os EUA, mediante acordos com os chefes locais, podam controlar a área e em particular os seus recursos petrolíferos. O modo mais eficaz para dividir o Iraque é alimentar o choque entre as fações internas e levar o país a umha guerra civil.

Egunkaria poderá ganhar, ainda que demasiado tarde

REDACÇOM / Em Fevereiro de 2003 a justiça espanhola, através da sua controversa Audiência Nacional, decidiu encerrar o diário Egunkaria, único redigido completamente em basco, e deter sete dos seus trabalhadores e colaboradores acusados de associação ilícita subordinada à ETA. Vários dos detidos denunciaram ser vítimas de torturas durante a sua

incomunicação. Tentava-se assim vincular o diário com o grupo armado, argumentando, entre outras razoms, que os membros da ETA estavam entre os seus leitores mais fiéis. A perseguição judicial já estava em andamento havia tempo, principalmente por ter decidido o jornal publicar entrevistas com membros da ETA, vetadas no resto da

imprensa. Na altura, as reacções de indignação provocadas polo encerramento fõrom muito intensas no seio do povo basco, perante a desapareição por ordem do tribunal de excepçom espanhol de um meio de importância fundamental no terreno cultural, muito aplaudido polo seu contributo para a recuperaçom da língua basca. Este processo

também foi denunciado por muitas associações profissionais e cívicas, que o considerãrom como um ataque à liberdade de expressom e ao direito à informaçom. Agora, quase quatro anos depois, o fiscal conclui que durante a trajetória de Euskaldunon Egunkaria, que se prolongou por dez anos, "nom se encontra nem umha

só notícia, editorial ou artigo" que denote que os seus responsáveis participãrom de "umha estratégia político-social que tentasse aglutinar populaçom em torno da ETA". Também nom se conseguiu descrever "umha linha editorial que verifique" que Egunkaria foi um artifício legal para o cumprimento dos objetivos da ETA.

Aí vem o trem... Ó! Destino funesto!

MARCO ANTÓNIO REVISOR ACELERADO

Peñrom-nos que dessemos a nosa opinión sobre o Trem de Alta Velocidade (TAV) e nom encontramos unha frase melhor. Um destino funesto é o que nos espera quando os ricos e poderosos exercerem todo o seu poder e implantarem o TAV nas entranhas da terra. Nom sei se vos lembrades do anúncio contra a droga em que parecia um verme metendo-se num nariz, pois isso mesmo é o que están a fazer agora connosco.

Depois deste começo poético-depressivo vou explicar a minha opinión quanto a este monstruoso atentado contra a terra, que pode que seja já o definitivo.

Começárom por abrir as pistas da parcelária por toda a parte, continuárom com as 'vias rápidas', que passárom de vias rápidas a cemitérios, depois fôrom os portos desportivos e urbanizaçoms ao pé das praias, e agora para acabar com tudo e que morra a Galiza rural em que muitos e muitas de nós fomos criadas, inçam-nos de auto-estradas, urbanizaçoms em todo o litoral, campos de golfe, e o mais temível e despedido plano urdido polo poder, o TAV.

Até agora tivemos um trem do século XIX, e ninguém parecia preocupado mas agora de repente querem-nos vender um trem do século XXII e isto tem, para eles, a sua razão de ser. Desde que acabou o monopólio da Ibéria, os preços dos bilhetes de avião começaram a cair, produzindo um grande aumento de passageiros. Este



Até agora tivemos um trem do século XIX, e ninguém parecia preocupado

facto provoca que as classes poderosas nom se encontrem cómodas a viajar com a chusma. Este aumento da chusma (passageiros) é o culpado dos atrasos nos aeroportos e até se podem meter terroristas nos seus aviões. Isto tudo fai que se tenha de inventar outro meio de transporte o suficientemente rápido e cómodo para poderem viajar eles sós à vontade, sem se misturarem com a chusma, e nom se lhes ocorreu melhor ideia que montar um TAV conectando toda a Europa. Com isto matam vários pássaros de um tiro, começam isolando as povoaçoms rurais, obrigando-as a emigrar, para assim concentrarem todo o poder económico nas cidades, e ter carta branca para poderem explorar os recursos do rural sem oposição de nenhum tipo e a preço de saldo.

O TAV é o último elo da

nossa cadeia, a cadeia em que nos fôrom enleando desde que começárom com o seu plano, sim, o 'Plan Galicia'. Este plano nom foi para nos compensarem pola poluição do Prestige, nom, foi para poderem apertarnos um pouco mais e ainda por cima dizer obrigado. Embrulhárom-nos com papel de presente e nós dizemos 'por fim se lembram de nós', até Atega, aos supostos e supostas ambientalistas e grupo satélite do Bloco Nacionalista Galego, se vendeu ao poder aceitando as obras faraónicas do TAV, e eu pergunto-me: como um grupo supostamente ambientalista pode aceitar umha obra em que haverá centos de túneis (com milhares de explosões) e centos de viadutos (e milhares de pilares), milhões de toneladas de escombros, centos de cimenteiras, grandes movimentos de terras, etc.? Como pode

alguém minimamente coerente com as suas ideias aceitar um trem que nos vai levar, devido ao grande consumo de energia que precisa, à era nuclear?

Pode parecer algo exagerado o da era nuclear, mas agora vo-lo explico. Segundo a Atega, um Trem de Alta Velocidade (um TAV é um comboio que pode alcançar os 350 km/h) necessita da electricidade que consome umha vila de 50.000 habitantes; por isso eles querem um de média velocidade (250 km/h) que pode consumir o de umha vila de 35.000 habitantes, quase nada (para eles). A isto há que acrescentar todo o sistema de ventilaçom dos centos de túneis, milhares se falamos de toda a Europa. Ademais da macro-estação subterrânea com centro comercial que querem os empresários ourensanos. Também temos que somar a derradeira migraçom do rural para a cidade, que também implicará um aumento de consumo de energia, mais iluminação pública, mais carros, mais consumo em geral. Todo este consumo nom pode ser assumido por todas as barragens, moinhos de vento, nem energias rentáveis, desculpa, renováveis, por isso nom fica outra alternativa para além da energia nuclear. Nom somos científicos, mas somando duas mais duas chegamos a esta conclusão. Se cada vez fam mais 'parques' eólicos, e mais barragens, e mais energias rentáveis (desculpai o engano mais umha vez: renováveis) e ainda non come-

çou o grande consumo que vai levar o TAV, isso quer dizer que fai falta mais energia, e a energia mais rentável, agora sim, para o poder é a nuclear. E se nom vos perdestes na minha explicaçom podemos fazer a seguinte pergunta: se os supostos ambientalistas da Atega están a favor do trem de média velocidade, também están a favor da energia nuclear? Nom sei, mas os galegos e galegas sempre somos os primeiros nos piores rankings, e seriam os primeiros ambientalistas a estarem a favor da energia nuclear no mundo. Espero que nom, que se posicionem contra esta monstruosidade e sejam minimamente coerentes com as suas ideias, ainda que tenham que enfrentar o poder, onde agora está o seu partido.

Por último, esperamos que nom se torne realidade a frase com que comecei este escrito, e podamos mudar este destino funesto que agora mesmo nos está a espreitar, e isso só o podemos fazer nós, lutando com todas as nossas forças contra esta nova imposiçom do poder. Quando esta grande obra estiver acabada já nom teremos nada que fazer, simplesmente meter-nos no nosso apartamento-nicho nas urbanizaçoms periféricas de qualquer cidade e pôr-nos todo o fim-de-semana a ver vídeos de tempos melhores onde ainda existiam grandes paisagens naturais.

Marco Antonio Revisor
é membro da Assembleia Contra o TAV

Mando Caamaño Anón



Cerámica de Roda (en gres e porcelana)



Ventosa, Covas
15864 AMES, Galiza
981 890 050
<http://mcaamano.cjb.net>

A Peneira

Xornal Galego de Información Xeral



Cabeceiras Comarcais } A Peneira do Condado/Paradanta } A Peneira da Louriña }

faísca®

local social - Galiza

Rua Toledo, 9 - Calviño 1560
faiscagz@hotmail.com

LIVRARÍA

SISARGAS

Para Comos Empezar
15002 A CAPIA
TEL. +34 981 200082

PROJECTO GLOBAL



projectoglobal.com

A FUNDO

Avançam os projectos de grande velocidade que destruirám o modelo popular de transporte ferroviário

APARENTE CONSENSO SOCIAL E MEDIÁTICO OCULTA O ELEVADO IMPACTO SÓCIO-AMBIENTAL QUE HÁ PROVOCAR

O trem de grande velocidade e as autovias previstas apresentam-se como a solução para "tirar a Galiza do isolamento", num contexto de crescimento dos grandes capitais que precisam de movimentos rápidos para as suas mercadorias e dirigentes. Em ausência de debate social sobre a sua necessidade, as obras do comboio continuam em diferentes troços o projecto que deveria culminar em 2020 e que basicamente fortalecerá as principais vias de comunicação que fñrom potenciadas nos últimos vinte anos, em particular, o eixo Vigo-

Corunha e a ligação à meseta. O discurso mediático dominante, que reduz a crítica a aspectos relacionados com as velocidades máximas atingíveis ou à pertinência de tais ou quais variantes esconde um projecto de enormes repercussões que incomunicará ferroviariamente as pequenas localidades, causará danos ambientais e sociais irreversíveis e acabará por liquidar o conceito de comboio como veículo de comunicação acessível e integrador. Os verdadeiros beneficiários: os centros de poder económico e as classes dominantes.

HILDA CARVALHO / Os trabalhos de construção das infra-estruturas necessárias para tornar possível o trem de grande velocidade continuam o seu curso, principalmente nos troços do Eixo Atlântico e na ligação entre Compostela e Ourense. As proclamas do Ministério do Fomento falam de ligar Vigo e Corunha em 50 minutos e situar Madrid a três horas de trem do nosso País. Noutra degrau de prioridades situa-se a ligação cantábrica, ainda pendente de estudo, e a ligação Vigo-Porto, considerada estratégica pela União Europeia que financiará a construção. O principal troço novo será o que ligue Ourense à localidade de sob administração samorana de Luvíam, num percurso de elevado impacto que abrirá caminho à integração da rede ferroviária com as vias procedentes da capital do Estado. Ourense virá a ser a cidade de referência para o novo trem, com novas saídas para Vigo, Compostela e Lugo, o que está a originar intensos debates entre a patronal e os agentes políticos movidos por interesses divergentes.

O que está destinado a ser o projecto de construção civil mais ostentoso da península, ligará as principais cidades e capitais deixando à margem as pequenas localidades que atravessa, aquelas que sofrerám o seu impacto e verám passar por diante um comboio fugaz que nom oferecerá paragens para os núcleos de povoação menos desenvolvidos economicamente. A desatenção destas localidades é umha das principais diferenças a respeito do trem convencional, até hoje o meio de comunicação motorizado mais ecológico e um exemplo de articulação polo serviço prestado às localidades que atravessa. Isso sim, numha rede ferroviária desatendida, insuficiente e arcaica, que os dirigentes políticos deixarám definir em paralelo à construção das novas infra-estruturas. É pois que nom se considera a demandada conexom entre Compostela e Lugo nem o fortalecimento da vertebração interna do



Num país de montanhas como o nosso, os efeitos acentuam-se tornando necessário construir numerosos túneis e viadutos, realizar grandes movimentos de terra e dotar amplos espaços, por exemplo, para depositar entulhos

O que está destinado a ser o projecto de construção civil mais ostentoso da península, ligará as principais cidades e capitais deixando à margem as pequenas localidades que atravessa, aquelas que sofrerám o seu impacto e verám passar por diante um comboio fugaz que nom oferecerá paragens para os núcleos menos desenvolvidos economicamente



O PSOE lançou o Plano Estratégico de Infra-estruturas e Transporte (PEIT) em 2005, no que anunciava a construção do "trem de altas prestações"

País, mas a substituição das velhas linhas pola linha de grande velocidade, que desatenderá a maior parte do território, obrigando a deslocarem-se para as cidades e pagarem muito mais polas viagens às pessoas que queiram viajar neste veículo de comunicação que pretende concorrer com o avião.

Os poderes políticos e os grupos empresariais continuam a defender os alegados benefícios que acarretará o seu desenvolvimento,

especialmente aos vizinhos e vizinhas das zonas afectadas pola construção das linhas. Como exemplo, a localidade de Vedra, onde o ferrocarril passará sobre umha mina de quartzo, destruindo numerosos postos de trabalho ou bem terá que levar por diante vivendas. Nesta localidade, os defensores do projecto indicam que este favorecerá o desenvolvimento da área por beneficiar o abastecimento e a projecção da sua área industrial. No

Entre as poucas críticas que atingem a palestra mediática encontra-se a dificuldade para sustentar um projecto de tal envergadura, para o que a União Europeia prevê investir 62.000 milhões até o ano 2010. As viagens encarecerám-se, mudando na prática a modalidade de usuário do caminho de ferro

entanto, a linha Ourense-Santiago, que atravessa Vedra, assim como os seus entroncamentos para a Madrid e Ponte Vedra estarám destinadas só ao trânsito de pessoas, o que resta consistência às promessas mencionadas. A decisom de restringir o transporte de mercadorias nestas vias provocará consequências curiosas também em cidades como Vigo, cujas mercadorias deverám dirigir-se para a Corunha ou para o Porto para depois chegarem à meseta por vias ferroviárias de grande velocidade.

Duvidosa rentabilidade

Entre as poucas críticas que atingem a palestra mediática encontra-se a dificuldade para sustentar economicamente um projecto de tal envergadura, para o que a União Europeia prevê investir 62.000 milhões até o ano 2010. As viagens encarecerám-se, mudando na prática a modalidade de usuário do caminho de ferro, pois o novo comboio está destinado a comunicar a grande velocidade dirigentes e mercadorias entre centros económicos. O ingente gasto da construção, somado às



Ao nível comunitário, os macro-planos ferroviários planificam reduzir os 155.000 qm. de vias para os deixar em 36.000, encenando a priorização das comunicações interurbanas por cima dos objectivos vertebradores e as consequências desta escolha

despesas de manutenção e investimentos estruturais dispara as cifras económicas.

Na França, onde a alta velocidade está muito mais desenvolvida, estão a ser eliminados cada ano entre 4000 e 5000 empregos no sector, em paralelo ao debate sobre o possível fechamento de 6000 quilómetros de linhas por causa da sua escassa rentabilidade. A alternativa ao fechamento está na privatização, um dos destinos prováveis para as linhas que não cumprirem os critérios de lucro que delimitará no Estado espanhol o Administrador de Infra-estruturas Ferroviárias (ADIF), um organismo criado pelo Ministério do Fomento para dirigir este tipo de infra-estruturas com critérios empresariais.

Ao nível comunitário europeu, os macro-planos ferroviários planificam reduzir os 155.000 quilómetros de vias para os deixar em 36.000, encenando na prática a priorização das comunicações interurbanas por cima dos objectivos vertebradores e as consequências desta escolha.

Impacto sócio-económico

Para além de mudar de forma

Para além de mudar de forma radical a ideia de comboio, a rede de alta velocidade incidirá na configuração das zonas onde pare, fortalecendo os núcleos metropolitanos mais activos e marcando as áreas de desenvolvimento em base às infra-estruturas, segundo directrizes emanadas de Bruxelas e Madrid. As grandes áreas urbanas continuarão a crescer, engolindo progressivamente os concelhos circunvizinhos e aumentando as distâncias a respeito das zonas menos favorecidas

radical a ideia de comboio, a rede de alta velocidade incidirá na configuração das zonas onde pare, fortalecendo os núcleos metropolitanos mais activos e marcando as áreas de desenvolvimento em base às infra-estruturas, segundo directrizes emanadas de Bruxelas e Madrid. As grandes áreas urbanas continuarão a crescer, engolindo progressivamente os concelhos circunvizinhos e aumentando as distâncias a respeito das zonas menos favorecidas pelos investimentos. Os lugares afectados pelas vias que não dispuserem de paragem não auferirão mais benefício que as consequências do seu impacto. A rede ferroviária interporá barreiras entre áreas dantes comunicadas e impedirá planificar de forma endógena o desenvolvimento das zonas de impacto, que terão que se adaptar por necessidade às grandes linhas infra-estruturais. Prevê-se, pois, a intensificação do esvaziamento rural e um maior abandono do sector agro-pecuário, numa Europa que caminha às alancadas em direcção ao "progresso entendido como desenvolvimento tecnológico desregado", em palavras do investigador e



A linha de grande velocidade fortalecerá as ligações entre os grandes núcleos urbanos, sem resolver os problemas de comunicação de numerosas comarcas

escritor Miguel Amorós, quem assinala a justificação da necessidade deste comboio na "congestão do tráfego aéreo devido ao incessante deslocamento das elites e ao auge desmesurado da indústria turística". Nesta linha, entende que a alta velocidade "nom tem em vista a melhoria da condição humana por meio da técnica, mas a adaptação da humanidade à evolução tecnológica", o que acarreta o prejuízo da maioria para beneficiar uns poucos.

Entre os tais beneficiados, muitos dos compradores das habitações construídas e projectadas no litoral, cujos promotores já anunciam na imprensa espanhola a futura ligação por alta velocidade. Especialistas vinculados à sociologia referem que este tipo de comunicações favorece a tendência a que moradores oriundos do interior peninsular ocupem a costa galega: compram longe mas por esta via podem ter acesso rápido à sua casa de lazer.

Agressões ambientais

Os ataques ao meio natural serão inevitáveis se se quer dar viabilidade a uma rede ferroviária veloz que precisa de grandes rectas ou, no seu defeito, curvas mui abertas, seguindo um traçado que contará com dez metros de largura, umha cifra que em muitos troços se multiplicará para dar cabimento às duas vias e à área de segurança necessária até superar os cem metros. Num país de montanhas como o nosso, os efeitos acentuam-se tornando necessário construir numerosos túneis e viadutos, realizar grandes movimentos de terra e dotar amplos espaços, por exemplo, para depositar entulhos. Entrementes, numerosos ecossistemas ficarão altamente danificados, tais como carvalheiras, vegetações ribeirinhas, lagoas, rios e ecossistemas do subsolo. E umha vez construído, incidirá no desenvolvimento da fauna e gerará por onde decorrer perigosos campos magnéticos que pode-

rão repercutir no funcionamento celular humano e no sistema hormonal das pessoas que morem próximas da linha férrea.

Recentemente, a vizinhança de diferentes paróquias do Irijo, entre o troço de Lalim e do Carvalhinho, padeceu de maneira directa as consequências de umha obra destas dimensões com a rotura de canalizações de água, a invasão de parcelas privadas sem expropriar para obrar noutras, os danos contínuos no asfalto e nos passeios pela maquinaria ou a interrupção dos cursos aquáticos para permitir a construção, o que derivou em alagamentos de lama nas estradas de acesso à área. Várias queixas chegaram já à via judiciária face às ameaças da União Temporária de Empresas (UTE) constituída por Sacyr e Cavosa, adjudicatária de 13,2 quilómetros de vias no traçado de Ourense a Compostela.

Vigo aguarda a construção de dois grandes túneis, um para a saída sul que o ligará à cidade do Porto e outro maior, o das Maceiras, para a linha norte. Este último, de seis quilómetros, precisará de 47 meses de trabalhos a partir de 2007. Entre as obras de maior envergadura, em Vila García está prevista a construção de um impressionante viaduto que será para a Conselheira Maria José Caride o "emblema do Eixo Atlântico", marcando visivelmente a paisagem costeira da vila ao atravessar a Ria de Arouca num viaduto de mais de quinhentos metros de comprimento que virá a somar-se a outro de 1.275 metros sobre o rio Úmia. Redondela, já atravessada por várias pontes infra-estruturais, será outra das localidades mais afectadas. Às pontes já existentes, virão a acrescentar-se dois viadutos: um de 310 metros e outro de 570, para além do anunciado impacto da construção de um novo troço de autovia que atravessará o mesmo concelho talhando-o em duas partes.

Voracidade energética

A electricidade será a fonte de energia básica que porá a andar o novo comboio, que precisará de consumir o equivalente a umha cidade de várias dezenas de milhares de habitantes, ainda que o impacto definitivo a este nível esteja ainda por quantificar. No entanto, o Ministério da Indústria já anunciou que terá que potenciar a subestação eléctrica de Lourizã para abastecer o AVE no seu percurso pela província de Ponte

Vedra. Ao mesmo tempo, considera rever o seu planeamento energético quando estiver definida a linha que ligará Ponte Vedra a Ourense.

O elevado consumo desta modalidade de comboio, juntamente com os índices de crescimento exponencial de demanda eléctrica por parte das empresas e os usuários, tornarão necessária a construção de novas instalações para gerar energia no País, o que se traduzirá previsivelmente em

novas barragens e moinhos de vento. A nível europeu, tendo em conta as dimensões do macro-projecto de alta velocidade, será necessário aumentar de maneira notória a produção eléctrica, perante o que nom poucos analistas advertem que será necessário construir centrais nucleares, as únicas que, conforme aos seus dados, poderiam alimentar a nova Europa pós-industrial abandeirada polo comboio da grande velocidade.



Trabalhadores da mina de Villar Mir em Vedra protestam contra o traçado de grande velocidade, que provocará a sua mais que provável clausura



Escavação no castro do Castrinho de Bendoiro, que vai ser totalmente destruído pelo novo comboio

EM DADOS...

Algumhas concessions previstas

EIXO ATLÁNTICO

TROÇO	EMPRESA	QM.
S. Cristovo-Pocomaco	-	3,7
Pocomaco-Uxes	-	4,3
Uxes-Brégua	UTE Brégua (Sacyr, Construcciones Paraño e Cavosa Obras y Proyectos)	4,6
Brégua-Meirama	-	5,0
Meirama-Cerzeda	-	8,0
Cerceda-Queixas	-	6,1
Queixas-Ordes Norte	UTE (Copasa, Corsan-Coviam)	4,3
Ordes Norte-Ordes Sul	UTE Ordes (Obrascon Huarte Lain e Guinovart Obras y Servicios Hispania SA)	7,2
Ordes Sul-Oroso	AZVI SA	4,0
Oroso-Berdia	NECSO Entrecanales Cubiertas	9,7
Berdia-Compostela	-	6,6
Compostela-Osebe	UTE Comsa S.A. e FCC	10,2
Osebe-Padrom	UTE Osebe (FCC e Comsa)	3,8
Padrom-Vila Garcia	-	27,1
Vila Garcia-Portas	UTE Vila Garcia (Coprosa e Sando)	6,6
Portas-Portela	UTE Portas (Aldesa, Obras Subterráneas, Tapusa e Dicaminos)	7,7
Portela-Cerponçons	-	5,5
Cerponçons-Ponte Vedra	-	6,2
Ponte Vedra-Vila Boa	-	9,0
Vila Boa-Souto Maior	-	2,5
Souto Maior-Redondela	-	3,5
Redondela-Das Maçairas	-	4,0
Das Maçairas-Vigo	-	9
Vigo-Rio Minho	-	30

OURENSE-COMPOSTELA

TROÇO	EMPRESA	QM.
Ourense-Amoeiro	Corsan-Coviam	6,4
Amoeiro-Maside	UTE FCC e Comsa	6,3
Maside-Carvalhinho	UTE FCC e Comsa	5,8
Carvalhinho-Irjo	UTE Sacyr e Cavosa	6,7
Irjo-Lalim (Abeledo)	UTE Sacyr e Cavosa	6,5
Lalim (Abeledo-Baxám)	UTE ACS e Vias y Construcciones	9,8
Lalim (Baxám-Ançó)	-	9
Ançó-Silheda (Carvoeiro)	-	5,4
Silheda (Carv.-Domelas)	UTE Teconsa e Extraco	7
Silheda (Domelas)-Vedra	UTE Dragados e Tecsca	6,4
Vedra-Boqueixom	UTE Dragados e Tecsca	6,9
Boqueixom-Compostela	Obrascon Huarte Lain	5,8

Ataques ao património

As grandes obras de infra-estruturas têm levado por diante numerosos restos arqueológicos nos últimos vinte anos, como constatámos no número 28 de NOVAS DA GALIZA em que abordámos a complicitade de Património no desleixo continuado a este respeito. De forma semelhante, as obras do trem de grande velocidade arrasaram com jazigos sem investigar e também com outros já catalogados. É o que acontece com dous assentamentos localizados em Lalim, o castro do Castrinho, na parroquia de Bendoiro, e Coto do Castelo de Costóia na parroquia de Vila Nova. O geógrafo local António Presas denunciou junto da Direcção Geral do Património os danos que iria ocasionar o traçado em vigor:

passaria a 65 metros do reconhecido Castro de Bendoiro, mesmo polo lugar onde está localizado outro de maior antiguidade, o chamado Castrinho, em cujo núcleo se abrirá a boca de um túnel. O organismo dependente da Conselheria da Cultura avaliou negativamente a passagem polo lugar do Bendoiro, polo que a empresa adjudicatária se viu obrigada a realizar umha escavação como possível saída para permitir manter o túnel. Para António Presas trata-se de umha "pseudo-escavação" em que se están a seleccionar só "determinados exemplares" de forma semi-mecanizada por utilizar retro-escavadores, daí que estes trabalhos ofereçam "pouca fiabilidade". O geógrafo pom em causa o papel do

Património por consentir que a recolha de materiais seja feita por "terceiras pessoas dependentes da construtora e nom por equipas neutrais", polo que reclama umha escavação completamente manual para valorizar e respeitar importáncia do jazigo e apela à Cultura para que se oponha ao trajecto actual. Por outra parte, na paróquia de Vila Nova situa-se o Coto do Castelo de Costóia, onde fôrom localizados vestígios que apontam a que aloja um castro ainda sem inventariar. Neste lugar, que atravessará o novo caminho de ferro, só fôrom realizados trabalhos elementais de reconhecimento sem escavação completa manual, perante a indignação das vozes críticas com a falta de prevision na salvaguarda dos bens patrimoniais.

As origens do macro-projecto

As grandes linhas do comboio de grande velocidade partírom de Bruxelas e plasmárom-se durante a presidência italiana da Union com a Iniciativa de Crescimento Europeu em Novembro de 2003. Romano Prodi e a comissão Loyola de Palacio, juntamente com o presidente do Conselho dos Transportes e construtor de túneis Pietro Lunardi marcavam a orientação de um sistema de transporte ferroviário que desse saída à ingente demanda para acelerar o movimento de mercadorias de maneira a nom deter a acumulação de capitais no espaço económico europeu. Já no Estado, o

PSOE lançava a começos de 2005 o Plano Estratégico de Infra-estruturas e Transporte (PEIT), que veu a substituir no nosso País o Plano Galiza e anunciava a construção das infra-estruturas ferroviárias requeridas para o novo "trem de altas prestações" até 2020. Com este objectivo, projectou destinar 42% do quarto de bilhom de euros que conformavam os orçamentos, dos quais 75% iria parar à construção de 9000 quilómetros de linhas de grande velocidade, o que tornaria o Estado espanhol em ponteiro a nível mundial na dotação de linhas de grande velocidade.

O modelo ferroviário, desenhado longe da Galiza, evita portanto um modelo centrado nas necessidades comunicativas do interior do País e limita-se a fortalecer eixos já comunicados na maior parte por grandes estradas. A ausência de crítica, conforme especialistas consultados, nom evitará que muitos levem às maos à cabeça quando o projecto estiver praticamente consumado, tal como acontece hoje com a "Cidade da Cultura". Entretanto, a construção das linhas prossegue os seus planos, sem que nenhum grupo político com representação parlamentar tenha manifestado a sua oposição.

www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 699 268 032

NOVAS DA GALIZA



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

Subscrição + livro = 25 € 1 Ano, 12 números = 20 € Assinante Colaborador/a = ___ €

Nome e Apellidos Telefone

Endereço C.P.

Localidade E-mail

Nº Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

OPINIOM

NGZ publica em exclusiva um artigo de Antom Garcia Matos em que o militante independentista reflecte sobre a necessidade de superar os efeitos da repressom sobre os movimentos populares e a manipulação informativa que costuma acompa-

há-la. Entre os objectivos do nosso jornal encontra-se dar voz a quem os meios de comunicação convencionais silenciam, com base num firme compromisso pola liberdade de expressom.

A repressom nom deve paralisar o nosso projecto social

ANTOM GARCIA MATOS

Nenhum movimento que persiga espaços de liberdade e novas sociabilizações sobre bases alternativas de reprodução social, deve resignar-se a sobreviver sob a extorsom do conjunto de imagens e representações do regime político democrático. O risco de nos acabarmos comportando como réplicas mais ou menos inconscientes das imagens que constroem os meios de comunicação é certo. Quem sabe, até pode ser que lá no fundo, muito no fundo, haja dentro de nós um suposto 'radical fanatizado' que por umha série de quem sabe que tipo de avatares biográficos acabou por ser pasto da insatisfação e da desafeição contra o mundo. Podemos ter muitas dúvidas em torno de infinidade de questons vitais e sociais, o qual nom é nenhuma tragédia, pois a dúvida, costuma dizer-se, é filha da imaginação e do movimento. Mas do que sim nom duvidamos nem umha milésima de segundo é que o inferno social nom somos nós. Esta carga moral que perversamente se pretende transferir dia sim e dia também às pessoas e movimentos sociais que pretendem viver além do regime de normalidade democrática nom nos pesa em absoluto. Hoje declaramo-nos todas e todos prófugos da injustiça e do sistema normativo que outorga e retira legitimidades sociais, declaramo-nos insubmissos aos tópicos e lugares comuns que os altifalantes policiais e mediáticos apregoam sem nenhum pudor.

A alienação colectiva mais auto-destrutiva é aquela que vive a própria identidade como reflexo da imagem construída pola engenharia social dos aparelhos mediático-repressivos. As imagens que nos dominam som o triunfo do que nom somos e do que nos expulsa de nós mesmos. A nossa identidade, o que somos e o que representamos, a vida que queremos para os nossos, sabemo-lo nós; é um tesouro que nom podemos deixar que seja lixada polos repressores espanholistas.

Nom devemos submeter-nos à única voz de mando. Nom devemos resignar-nos a ser actores passivos de um guiom que escrevem por nós e para nós aquelas pessoas

Hoje mais que nunca a repressom nom deve apagar a nossa alegria e o nosso projecto social. Nom dizemos nada novo quando advertimos que a intimidação e o medo som as armas mais poderosas que tem um Estado para bloquear os movimentos sociais

que estão dispostas a aniquilarnos individualmente para acabarem com a contestação social. Por isso continuamos a falar e a nos expressarmos abertamente, em voz alta, sem medos e sem complexos, alterando a ordem das palavras, as imagens truncadas e os sentidos corrompidos que constroem outros actores sociais.

A trama institucional repressiva espanhola tem sobrada experiência em recriar 'terroristas' e 'bandas armadas' à sua exacta medida. Faino, ademais, à imagem e semelhança do seu sistema jurídico e penal, porque deve garantir detenções e fortes castigos para os sectores sociais dissidentes. Nesta construção nunca pode faltar, como nos melhores filmes, o chefe-ideólogo, o que pensa por todos, o vértice da pirâmide..., num paralelismo com o modelo das organizações militares e ideológicas do próprio Estado. Porque qualquer Estado deve invisibilizar as críticas e contestações sociais, deve ocultar os sujeitos colectivos e os movimentos sociais, coando tudo através do estreito funil do voluntarismo individualista, dos bodes expiatórios. Os esforços para traduzir qualquer riqueza ou complexidade social incómoda em estereótipos facilmente deglutíveis polo aparelho penal e judicial e assimilados por essa massa amorfa, maleável e normalizada que é a opinião pública, som realmente encomiásticos. Nisto sempre foram muitíssimo mais práticos e resolutivos



Imagem de um roteiro polos Montes Aquilianos organizado pola Agrupação de Montanha Águas Limpas, da qual fazia parte Antom G. Matos, no centro da foto

que os desvarios da esquerda.

Os mandos policiais acabam de vender-nos, com a ribombância habitual, o pacote inteiro para o novo episódio de terrorismo na Galiza. Conhecemos o retrato-robô, retrato feito por umha maquinaria que certamente fai mal, mas que apenas é capaz de reproduzir cópias de cópias. Já tenham siglas 'convencionais' e 'homologadas', já tenham a 'rama política' e a 'rama armada' que obrigam os manuais de rigor, tenham a cabeça pensante e omnipresente que exhibir, e os seus meios de inteligência já nos informam pontualmente das próximas acções bombistas projectadas. Tudo volta a estar em ordem, no seu sítio exacto, "sob controllo" (como apontou oportunamente Touriño). Existe toda umha linguagem sempre oportunamente ao serviço do Estado. As novas dinâmicas sociais e de luta dos e das independentistas, especialmente aquelas mais surpreendentes e desagradáveis para o regime, som de novo visualizadas através dos desfasados (que nom quer dizer inoperantes) parâmetros antiterroristas cozinhados no processo

da Transição, voltam a estar traduzidas à mesma caduca linguagem policial dos últimos 30 anos, aos ressesos e fossilizados dialectos jurídicos-penais, onde devem estar devidamente confinadas. As velhas instruções som novamente consignas claras, listas para ser metabolizadas socialmente, executadas policialmente e vigiadas com precisom mecânica pola burocracia penal.

Os antecedentes, há que situá-los tempo atrás. Durante meses, recuou-se a todos os incursos na Operação Castinheira o mais elementar direito à defesa. O segredo de justiça, recurso jurídico excepcional, converteu-se na regra nos processos judiciais contra o independentismo. A judicialização de pessoas e organizações nacionalistas tornou-se assim num permanente estado de excepcionalidade, onde prima a consecução de objectivos penais, sociais e políticos frente às garantias formais e processais das quais a própria democracia formal espanhola se orgulha. A ocultação sistemática e permanente dos pormenores das acusações e das diligências pesquisadoras do processo, à

confusom de ámbitos jurisdicionais competentes..., que impedem que pessoas e organizações podam exercer o direito à sua defesa, deve somar-se o fabrico de implicações disparatadas e provas falsas para forçar novas detenções. Nom acreditávamos antes na sua justiça e menos ainda o podemos fazer agora. Perante este panorama, como é que se atrevem a exigir-nos algum tipo de dever constitucional?

Porque ainda nos fica algo de dignidade e nom estamos dispostos a ser farrapos de usar e tirar, submetidos às suas tramas repressivas, aos seus tempos e às suas incertezas calculadas, dançando permanentemente ao ritmo do seu tam-tam mortuório. Ainda podemos e devemos exercer como galegos e galegas livres.

Hoje mais que nunca a repressom nom deve apagar a nossa alegria e o nosso projecto social. Frente às estratégias de guerra desenhadas nos gabinetes policiais devemos reforçar as nossas marcas mais perduráveis e indelévels, aquelas que se lavram nas ruas, no trabalho social, no fortalecimento da comunidade nacional..., porque, sem lugar a dúvidas, elas som as que vam fazer possível umha resposta exitosa à repressom. Nom dizemos nada novo quando advertimos que a intimidação e o medo som as armas mais poderosas que tem um Estado para bloquear os movimentos sociais. Devemos impedir que isto ocorra. Algum dia haverá que começar a escrever umha história dos medos (o medo é sempre investimento de um campo social) para encontrarmos muitas explicações à nossa atribulada história como povo.

Os esforços sociais do independentismo por se desfazer do cadáver da política-espectáculo devem continuar. Devemos continuar a andar montanhas, a percorrer os caminhos do País, a desfrutar e a lutar longe do consumo e do valor capitalista, a pelejar polo que é nosso, a construirmos espaços sociais interligados que constituam um novo poder social galego. Porque hoje o nosso processo constituinte é este: alimentar o germe social da futura Galiza livre. É um desejo que é possível viver e polo que vale a pena lutar.



ANÁLISE

Tão galegos como espanhóis

REFLEXOM A RESPEITO DA DUVIDOSA FIABILIDADE DOS INQUÉRITOS SOBRE IDENTIDADE NACIONAL

ÂNGELO PINEDA / Por um inquérito encomendado pela Junta publicado em 18 de Novembro, ficámos a saber que 21% da população galega (e não duma amostragem) se define como sendo mais galega do que espanhola e que 64% se identifica só como galega (com um 58% e 54% respectivamente para os casos contrários). Segundo uma organização política (tanto tem qual) é preciso relativizar os resultados do inquérito em função dos interesses de quem encomendou o estudo. Donde que se infere que, muito provavelmente, uma

investigação objectiva e sem qualquer viés, ofereceria uns resultados ainda mais favoráveis às posições em favor da independência. Mas a distorção talvez não provenha apenas do procedimento e do desenho das conclusões, mas da própria metodologia. Essa é a posição de uma parte importante da Sociologia, que entende o questionário como uma 'superstição científica'. É por isso que julgo que o independentismo não deve cair na armadilha intelectual de atribuir valor absoluto a este método de pesquisa.

Com efeito, e antes de mais, quem encomenda um estudo semelhante coloca nele os temas que considera serem de importância. O inquérito por questionário pressupõe que existe um consenso na sociedade sobre a relevância de tais temas e, ainda mais, que todas as pessoas têm a mesma capacidade para produzir uma resposta. Numa sociedade como a nossa, onde os meios para a subsistência material, a formação cultural e o acesso à informação estão desigualmente repartidos, isto é muito supor. Por exemplo, à pergunta "como se definiria em termos de identificação nacional numa escala?", é preciso que o indivíduo inquirido esteja em contacto com a realidade da formulação. Uma pessoa, na Galiza, pode perfeitamente julgar que se trata duma questão alheia ao seu quotidiano. Esta alheação pode provocar um desinteresse e uma inibição na busca de fundamentos para uma possível opinião sobre o assunto. Colocado pela primeira vez na disjuntiva da escolha pela situação fictícia do inquérito, a pessoa inquirida improvisará uma resposta que será provavelmente uma solução de 'não-compromisso' com valores extremos ("tão galego como espanhol", 59/8%); o qual é perfeito para o tratamento estatístico dos dados, já que a distribuição dos casos se ajustaria à 'curva normal' (amplo número de casos com valores centrais e poucos extremos). Por outro lado, consideramos que quase 60% da amostragem não tem uma opinião ao respeito, talvez não seja totalmente certo. A 'sociologia ingénua' (senso comum) pode conceber, sem qualquer problema, os termos 'galego' e 'espanhol' como



É um processo sistemático, rotineiro, temporário e pouco custoso em relação a outra metodologia qualitativa. A precariedade é norma nos sondadores

complementares. É na vivência das crises que os indivíduos se vêem forçados a escolher, e não na escolha proposta pela situação imaginária que cria o pesquisador. Além das críticas relativas às suposições em que se apoia a metodologia quantitativa no tratamento de dados obtidos de respostas subjectivas (representatividade da amostragem, escolha de variáveis, extracção de factores, etc.), em bastantes ocasiões suspeitas de artificialidade; há ainda uma outra objecção mais importante de ordem gnosiológica. O 'estudo de opinião' realiza-se para observar o estado de algo cuja existência é mais do que discutível, pelo menos nos termos que a defi-

niem: a 'opinião pública'. Este funesto construto enxerga a sociedade como se fosse um conjunto de cidadãos com uma opinião individual fundada que escolhem livremente entre uma série de perspectivas que mantêm entre si uma concorrência discursiva perfeita. Neste sentido, a opinião pública seria a soma das diferentes opiniões individuais, constituindo uma vontade colectiva mais ou menos homogénea: o famoso 'interesse geral' que os políticos espanhóis esgrimem para justificarem as suas gestões. Acho que não é preciso rebater estes argumentos: a generalização é abusiva, a formação duma opinião é um processo muito mais complexo e a imagem

O independentismo deve rever elementos do estudo da realidade social para alcançar os objectivos marcados. É o caso do questionário, que mascara as relações de força existentes na Galiza trás uma série de mitos democráticos e ingénus. Ao fim e ao cabo, o facto de pertencermos ao Estado espanhol não depende de a população galega concordar com tal pertença. Basta concordarem as elites

da escolha entre várias possibilidades é simplesmente uma impostura. Além disso, esta concepção do social entra em conflito com os princípios da Sociologia: a sociedade não é o somatório dos seus membros, quer dizer, as propriedades da sociedade galega (para o caso) não são directamente deriváveis dos galegos e galegas, mas há propriedades que 'emergem' das relações que estes mantêm entre si. Esta sentença é partilhada por quase a totalidade das correntes teóricas da disciplina. Como exem-

plo assaz conhecido: a afirmação marxista da sociedade como produto da 'acção recíproca' das pessoas determinada ou condicionada pelas 'relações' de produção.

Para não abusar da paciência dos leitores e leitoras do NOVAS DA GALIZA, não desenvolvo algum dos pontos que sugiro na crítica. Entendo que tal como foram esboçados bastam para impugnar qualquer resultado de qualquer inquérito baseado na percepção subjectiva da amostragem. O emprego deste método apenas depende de questões políticas, para-científicas e económicas. As primeiras dizem respeito à legitimação democrática de políticas previamente decididas. Para as elites, o velho recurso a Deus como fonte de legitimidade, tornou-se hoje apelo à 'opinião pública'. As segundas respondem a um complexo de inferioridade das ciências humanas a respeito das físicas ou exactas. O questionário exprime os seus resultados numericamente e brinda a ilusão duma cientificidade não especulativa. Por último, é um processo sistemático, rotineiro, temporário e pouco custoso em relação a outra metodologia de carácter qualitativo. A precariedade é a norma nos sondadores.

O independentismo deve rever alguns elementos pertencentes ao estudo da realidade social de maneira a estar em melhores condições para alcançar os objectivos marcados. É o caso do questionário, que mascara as relações de força existentes na Galiza trás uma série de mitos democráticos e ingénus. Ao fim e ao cabo, o facto de pertencermos ao Estado espanhol não depende de a população galega concordar maioritariamente com tal pertença. Basta concordarem as suas elites.

A FÁBRICA de VILANOVA
A FÁBRICA de VILANOVA
casa de xarritar - café - museo
Rua Vila Nova s/n
32660 - Alfoz - Galiza
958 442 434

LIBRERIA
Conde
Emilia Pardo Bazán, 11-13
988 431 204 - libreriaconde@terra.es
32800 CELANOVA Ourense

galizalivre.org
Informaçom livre e sem mordaxas

ALBATROQUE
981 588 954
ADROBEIRA, 12
SANTIAGO DE COMPOSTELA

Rua Teófilo, 9
(Zona Universidade)
desmoro
LOCAL SOCIAL e OURENSE - GALIZA

REPORTAGEM

XII Assembleia do BNG: quem nom ganha, empata

ALONSO VIDAL / Se analisarmos as opiniões proferidas após a XII Assembleia do BNG levada a cabo nestes primeiros dias de Dezembro podemos convergir na ideia, freqüente neste tipo de actos, de que todo o mundo foi triunfador. Certamente, em primeiro lugar, os seus militantes, que acudírom esperanças a debater livremente o caminho da sua organização. Apesar das opiniões encontradas nos corredores do Palácio de Congressos, o ambiente era de unidade e confiança no futuro. As críticas confluíam na necessidade de procurar a melhor fórmula para crescer e multiplicar-se. No pensamento de muitos militantes estava talvez a hipótese de ser a última vez que acu-

diam representando-se a sim próprios a umha assembleia e nom era possível evitar certas saudades do velho modelo organizativo que se despedia. Mas esse último encontro era o mais importante. Porque o funcionamento do histórico BNG estava em parte em causa e chegava o momento de colocar as propostas de futuro sobre a mesa de debate. Os diversos sectores soubérom guardar as formas e vestírom muitas das diferenças ideológicas, e nom poucas pessoas, de diálogo construtivo e unidade final na sessão de encerramento. Afinal, os militantes colocárom cada grupo concretamente no seu lugar. E, como habitualmente, a satisfação com o resultado foi a nota geral.

A figura de Xosé Manuel Beiras parecia soterrada sob as pesadas lajes que a UPG e Quintana lhe tinham colocado na última assembleia e poucos acreditavam na sua ressurreiçom. Mas o veterano dirigente soubo atrair, como apoio à sua candidatura, os militantes descontentes com a deriva do BNG, principalmente na sua açom de governo. Desconfiados com as mudanças que o quintanismo introduziu no modelo organizativo, temerosos de que se afiançasse umha forma de organizaçom em que as bases contassem cada vez menos, os militantes necessitavam de um cabo seguro a que agarrar-se neste tempo de mar revolto para a nau nacionalista; e nada melhor que o cabo da experiência e da história. Talvez seja certo, como afirmavam no sector oficial da frente, que Beiras representa o passado, mas os militantes deixárom claro que se tratava em todo caso do 'melhor passado': O grande timoneiro da etapa anterior de maior expansom nacionalista e melhores resultados eleitorais. Tratava-se em definitivo de algo tam simples como investir em valores seguros, nas essências do projecto inicial. A predisposiçom ao efeito Beiras provavelmente existia perante o panorama caótico de várias candidaturas enfrentadas. O seu magnífico discurso na assembleia fijo o resto.

Alternativa, a oposiçom perseverante

Esta confiança da militância crítica na candidatura de Beiras prejudicou a Alternativa, que confiava em que, desta vez sim, pudesse aglutinar ao seu redor umha massa considerável de apoios contrários à pretensom de acabar com o assemblearismo, que depois da primeira sessão estava já calculada num nada desprezível 40%. Eram os 'alternativos e alternativas' as que mais espaço mediático ocuparam nas semanas prévias à assembleia como força realmente opositora fortemente organizada e isso pudo resultar-lhe contraproducente ao ser talvez interpretado, alimentado convenientemente pelas mensagens que partíam do sector oficial, como elemento desestabilizador.



A UPG poderia ver com certa preocupaçom os futuros movimentos de Quintana. É que o hipotético fim da relaçom simbiótica do quintanismo com o partido repercutiria no seu poder

NATÁLIA GONÇALVES

Em todo o caso apresentavam-se optimistas e intimamente confiantes em que após fracassada a candidatura conjunta com os 'irmandinhos', fosse a sua a lista referente da oposiçom: a pretensom de Beiras de se apresentar no último momento com umha candidatura própria podia significar pouco menos que o seu suicídio político. E certamente nom lhe faltavam razons de peso para acreditar em algo semelhante, visto também o abandono, com umha portada, dos dirigentes irmandinhos encarregados da fracassada negociaçom. Sempre ficará a dúvida de se umha candidatura unitária Alternativa-Irmandinha teria sido capaz de mexer polo menos na cadeira de Quintana.

A alternativa apresentava-se fundamentalmente ao redor de um partido político, Esquerda Nacionalista, bem organizado mas com dificuldades para crescer dentro do BNG. Os seus dirigentes tenhem claro qual é o espaço central que deve ocupar na rede ideológica e organizativa do BNG, e mesmo presumem, talvez com motivos, de representar um perfil que se corresponde com o militante ou votante tipo do nacionalismo maioritário. Mas parece nom serem capazes de contactar plena-

Os vaticínios dos eternos inimigos do sector de Paco Rodríguez que auguravam um contínuo desangrado da U após tantos anos na sombra, com movimentos camaleónicos sempre à procura do controlo efectivo da frente, nom se cumprírom. O sangue nom chegou ao rio. Os militantes da UPG sabem resistir nas piores condiçoms. Eles também ganhárom, sem dúvida, ainda que fosse empatando

mente com ele, nem sequer neste momento tam favorável aos seus posicionamentos. Devem começar a pensar nas causas dessa carência.

A 'continuidade' do Movimento

Que o Movimento pola base tem um caminho a percorrer, ficou claro. Ainda que nom esteja tam claro que este seja dentro do BNG. Catalogada nos meios como umha outra UPG 'auténtica', defensora dos valores eternos da esquerda transformadora, e contrária à visom politicamente correcta da açom de governo, a convivência com o sector de Francisco Rodríguez dentro da frente parece complicada, vista a experiência de anteriores cisons neste grupo. Em diversos sectores esperava-se que fosse a candidatura a dar a surpresa por controlar diversas comarcas e grande parte da CIG. E os resultados fôrom mais do que aceitáveis. Por enquanto também ganhárom na assembleia ao se afirmarem na sua coerência política e respeito à pluralidade, com umha liçom de discreçom, que os militantes agradecerom. Nom tentárom pactos 'espúrios', conformando-se com a sua representaçom no Conselho Nacional, e renunciando à execu-

tiva, mas sem descuidar o apoio para que os outros sectores críticos pudessem apresentar-se.

Quintana também ganha

Ganhou em capacidade de manobra após a assembleia. E liderança, que hoje ninguém pom já em dúvida por nom haver alternativa. O seu sector, agora também nutrido dos antigos 'nom adscritos', ideologicamente mais perto dos críticos da Alternativa e Irmandinhos do que da UPG, viu-se favorecido pola mobilizaçom que esta última levou a cabo para minguar a oposiçom e conseguir umha executiva bicolor. Assim resistiu bem o embate.

Mas curiosamente o seu maior triunfo pudo estar na negociaçom in extremis da candidatura conjunta à executiva. Habilmente Quintana cedeu postos aos críticos, em detrimento da UPG, que nom tivo força suficiente para se opor ou para vetar Beiras, conseguindo assim que esta se dividisse praticamente em terços. Quintana vê aberto agora o seu campo de açom e poderia tentar, após um adequado período de aproximaçom, apoiar-se finalmente em sectores mais próximos ideologicamente, renunciando ao sempre controverso e caro mediaticamente apoio da UPG.

Sem novidade: a UPG resiste

Certo que ainda é maioria na Executiva, mas esse sector poderia ver com certa preocupaçom os futuros movimentos de Quintana. É que o hipotético fim da relaçom simbiótica do quintanismo com a UPG repercutiria no poder desta última, já minguido pelas dissidências, e necessitado agora de grande mobilizaçom das bases à procura do maior numero de postos do Conselho através das assembleias comarcais.

Mas também é certo que os vaticínios dos eternos inimigos do sector de Paco Rodríguez que auguravam um contínuo desangrado da U após tantos anos na sombra, com movimentos camaleónicos sempre à procura do controlo efectivo da frente, nom se cumprírom. O sangue nom chegou ao rio. Os militantes da UPG sabem resistir nas piores condiçoms. Eles também ganhárom, sem dúvida, ainda que fosse empatando.



CULTURA

ILG ignora Galiza oriental na Cartografia dos Apelidos

Para a equipa elaboradora nada há de estranho em que a forma dos 20 primeiros coincida com o espanhol e fala da castelhanização de Villa e Otero

EDUARDO MARAGOTO | O Instituto da Língua Galega (ILG), ligado à Universidade de Santiago de Compostela e redactor das polémicas normas 'oficiais' do galego aprovadas pola RAG (Real Academia Galega), voltou à actualidade com um trabalho de enorme valor prático para curiosos e amantes das estatísticas: a Cartografia dos

Apelidos da Galiza, disponibilizado na Internet para a consulta do público geral. As eivas do traballo, no entanto, também som salientáveis, chamando a atención que a cartografía se limite às quatro provincias ou que apresente um formato absolutamente asséptico quanto à castelhanização da maioria dos nossos apelidos.

Ainda que de escasso valor para a normalização dos nossos apelidos, a Cartografía apresentada em Compostela no mês passado será um instrumento de incalculável valia para as pessoas que se dedicavam a rastrear a presença de parentes longínquos noutras comarcas através de listas telefónicas. O mérito da mesma consiste, precisamente, nisto, ao se terem reunido as listas telefónicas das quatro provincias da Comunidade Autónoma Galega, com o valor acrescentado de non terem sido ocultos os apelidos de nenhum membro da familia nem ignorados os utentes dos telemóveis, cujos apelidos constam agora num plano de enorme grafismo em que podemos constatar a presença de cada apelido em cada concelho da Autonomia. O trabalho foi elaborado a partir dos dados censais proporcionados polo Instituto Nacional de Estatística à RAG e permite localizar as zonas de maior densidade de cada um dos apelidos e até traçar as linhas da sua expansom.

Escasso valor restaurador

Num Estado com tantas institucións dedicadas à estatística cumpriria questionarmo-nos sobre o trabalho desenvolvido (e os subsídios recebidos) por um Instituto dedicado à investigación lingüística. O mapa é totalmente asséptico quanto à castelhanização dos nossos apelidos e só pudemos conhecer a opinión dos filólogos ao respeito através de declarações aos meios de comunicação, sendo os resultados bem pobres neste campo. Na apresentação do estudo, a professora Ana Boullón e o professor Xulio Sousa sublinhárom que "a Galiza conserva quase 'invariáveis' os seus apelidos desde o século XIII"

embora nos últimos séculos se tenha detectado umha "profunda castelhanização, principalmente em formas como Otero e Villa, originalmente Outeiro e Vila". Na verdade, para chegar à conclusom de que Otero (no posto 17 entre os mais freqüentes) foi castelhanizado nom fazia falta o laborioso trabalho. Qualquer pessoa, por pouco observadora que seja, conhece dous ou três lugares de nome Outeiro ou Vila e outros tantos amigos ou parentes de apelido Otero e Villa, tendo advertido a deficiente correspondência em mais de umha ocasiom. Para a equipa elaboradora nada deve haver de estranho em que a forma dos 20 primeiros coincida com o espanhol, mormente os acabados em -ez, cujas formas tradicionais (acabadas em -es) se conservam ainda espalhadas por todo o país, nomeadamente através de alcunhas familiares (que nom figuram nos Bilhetes de Identidade) e de apelidos cuja tradução para o espanhol se tornava mais complicada: Pais (Peláez), Bieites (Benítez), etc. Advertem também os investigadores que "em oitavo lugar se situa o primeiro apelido puramente galego, Vázquez". Se a

reflexom foi bem recolhida polos meios de comunicação dá que pensar. Será que os sete anteriores, os mais freqüentes com grande diferença, nom som puramente galegos? Ou será que ao estarem castelhanizados coincidem com o espanhol? No próprio Vázquez (de Vasco), chama a atençom tanto -z, e o anterior (Martínez: 7º lugar) é ainda Martis/Martins na alcunha de muitas familias galegas.

Até o Eu

Curioso país este em que organizaçom políticas fam mapas científicos e institutos científicos fam mapas políticos. No ano 1990 Xerais editava obra *Dialectoxia da Língua Galega*, de Francisco Fernández Rei, destacado em investigador do ILG. Naquela obra fundamental sim se incluíam todos os dialectos galegos a norte do Minho, que esta instituição compostelana tem como referência. Que mudou para que o mesmo Instituto, da mesma língua, decida agora que os seus estudos, teoricamente lingüísticos, ham de estar limitados polas fronteiras políticas das quatro provincias? Pressom políticas ou fronteiras mentais?

EM DADOS...

OS VINTE PRIMEIROS

1. RODRÍGUEZ	8,858 %	11. CASTRO	2,258 %
2. FERNÁNDEZ	8,391 %	12. IGLESIAS	2,088 %
3. GONZÁLEZ	6,570 %	13. DÍAZ	1,892 %
4. LÓPEZ	6,310 %	14. SÁNCHEZ	1,852 %
5. GARCÍA	5,831 %	15. BLANCO	1,739 %
6. PÉREZ	4,753 %	16. VARELA	1,618 %
7. MARTÍNEZ	4,212 %	17. ALONSO	1,618 %
8. VÁZQUEZ	3,827 %	18. OTERO	1,593 %
9. ÁLVAREZ	3,009 %	19. DOMÍNGUEZ	1,553 %
10. GÓMEZ	2,581 %	20. REY	1,341 %

REPERKUSIÓN: Ganharmos a rua



ANDRÉ CASTELEIRO | Alhariz, 16 de Setembro, soam os 'Eskorzo' de Granada (Andalucía) alguém conhece? Nem todos, mas no Campo de Vila Nova mais de 4000 pessoas, ficam espantadas com a qualidade destes moços andaluzes com sete anos de percurso musical.

Xurxo Seara, é um dos responsáveis polo autêntico sucesso da para já, 4ª edição do Festival Reperkusión, que cada ano se organiza na vila de Alhariz a meados de Setembro, na de 2006, 15-16 e 17 de Setembro, e que nasce como mais um projecto da promotora musical 'Festicul-tores', de que é máximo responsável Xurxo Seara, junto com Miguel Rumbao e Emilio Oro. Além da reperkusión, som vários os espectáculos, que a promotora oferece por todo o país, num intuito de "levar a gente à rua e fazê-la partícipe da Festa!"

Xurxo, com qué objectivos nasce Reperkusión?

Reperkusión nasce da necessidade de cobrir um espaço apenas abrangido polos festivais do País, temos umha 'Ortigueira' onde o nosso folk é sobejadamente representado, temos algum festival de rock, mas cumpria apostar em levar à rua a festa, cumpria apostar na interdisciplinaridade, no teatro, na aminaçom em rua, nas exposições fotográficas para que se fosse além dos concertos, marco concreto e típico nos festivais do País.

E é nisto que quereis continuar a trabalhar, apontalar as outras ofertas do festival, além dos concertos?

Sim, de facto, é um dos alvos principais que nos temos marcado para o ano que vem, continuar a reconhecer o trabalho de rua, o imenso labor de colectivos como Pistacatro e o seu teatro em rua, manikómikos...enfim

dar a conhecer o que se faz no País em disciplinas por vezes discriminadas dos grandes eventos.

Como achas que esta o panorama na Galiza, no que diz respeito a estes colectivos que trabalham em rua?

Tem-se melhorado e muito, parece com que isto do câmbio climático a nós veu-nos bem! (risas) já a sério, muito pessoal que tivera que emigrar, agora está a encontrar espaços e um público sincero com o que poder trabalhar, e do que poder viver. Nós próprios, Festicultores, ficamos muito contentos da resposta do pessoal aos nossos espectáculos.

Foi a 4ª edição da Reperkusión, que conclusões após dois meses, tirais do evento?

Bom, quanto o público, ficamos muito contentos, na verdade tentamos melhorar ano após ano, havia queixas por mor do frio, este ano trabalhamos directamente nisto, colocando carpas e fazendo com que o pessoal se sentisse mais à vontade, a Cámara trabalhou mao-a-mao connosco, sobretudo a nível de infra-estruturas. A nossa queixa vem no entanto do sector da Hostalaría, é incompreensível que tendo em conta os rendimentos que podem tirar de eventos como a Reperkusión, nom haja umha verdadeira vontade de colaboraçom.

Já trabalhais no ano que vem?

Estamos prontos para começarmos, agora vem o tempo de criar, de organizar, já lá vamos ver os resultados.

A GALIZA NATURAL



A conspicua camuflagem dos pintos lembra à doutras galináceas selvagens

Tempo de capões

JOÃO AVELEDO

Dezenove, Dezembro, vésperas do Natal, Vilalva, Feira dos Capões, a mais famosa da Terra Chã. A dos capões de Vilalva é uma dessas peculiaridades gastronómicas galegas com as que homogeneização globalizadora ainda não conseguiu acabar. Por Santos começa a criação tradicional dos capões, uma prática que, como a seguir veremos, não respeita muito os direitos dos animais. Com uns quatro meses escolhem-se os melhores pintos, que logo são castrados e encerrados nas capoeiras, onde se amontoam sem quase se poder mover. Três vezes por dia, os capões são cebados a mão com um amassado que se faz de farinhas diversas e leite, e que à força lhes introduzem no bico, depois é costume dar-lhes um pouco de vinho doce que faz com que os capões seesteiem. E assim, dia após dia, até serem sacrificados. Mas o nosso interesse nesta tradição vem por estar associada a uma raça autóctone galega, a galinha de Mós.

A galinha de Mós recebe o seu nome da freguesia chairega de S. Jião de Mós, se bem em tempos esteve amplamente distribuída por toda a Galiza. A sua recuperação começou nos anos cinquenta a partir dos trabalhos do veterinário Rof Codina. A de Mós é uma galinha pesada de cabeça pequena, crista pouco desenvolvida, cor leonada e penas pretas iridescentes na cauda, que põe ovos de grande tamanho.

Mas não é a de Mós a única raça de galinha autóctone que temos na Galiza. Muito mais desconhecida é a galinha Pinheira, chamada assim pola peculiar cor da sua plumagem que lembra a folha dos pinheiros, ainda que há quem diga que o nome o toma do seu solar, o concelho do Pinho e as suas redondezas. Raça muito primitiva, como o demonstra a conspicua camuflagem dos pintos que lembra à doutras galináceas selvagens. A Pinheira é galinha ligeira de aspecto bravio, com cabeça parecida aos galos de briga e olhos de perdiz; os galos têm peito negro e penas betadas e as

galinhas apresentam cores similares às da fêmea do faisão. A carne, de pouca gordura, tem um sabor entre o frango e a caça.

A galinha Pinheira foi salva do esquecimento e de uma extinção certa graças aos esforços do veterinário Jesus Garcia. Este relaciona-a filogeneticamente com as galinhas que os celtas espalharam pola faixa atlântica europeia, de facto, existe uma raça quase idêntica na França.

A estas duas raças do Aquém-Minho, haveria que acrescentar outras três próprias do Norte de Portugal, a galinha Amarela, a Preta Lusitânica e a Pedrês Portuguesa, que muito provavelmente, também atinjam na sua distribuição a Galiza meridional.

No último século, a revolução agropecuária que abalou o campo levou a uma produção intensiva de alimentos, no caminho perdemos um património genético de incalculável valor, mas também alimentos saudáveis... e qualidades e fragrâncias e sabores.

A CONJUGAR O VERBO SEXUAR

A AUTÊNTICA VIRGEM DA BAIXA LÍMIA, CONTO DE NATAL umha viagem por Orgasmo-Genitália

BEATRIZ SANTOS

Éla é umha mulher anónima da Baixa Límia, nascida em 1973 e esta é a sua verdadeira história. Como ma contárom, conto-vo-la.

Vaia por diante que, ainda que o seu signo zodiacal era Virgem, ela nunca tivo vocaçom de tal.

Cedo soubo que na parte alta da sua cona habitava algo mágico.

Antes de dar-se à tacto-genitalidade passou pola etapa de roce contra tudo o que tivesse a altura e a forma ajeitada: esquinas das cadeiras, patas das mesas, marcos das portas... Até que descobriu que no seu leito e com a sua mao a cousa podia ter tanta prolongaçom como quigesse e que o calorinho fazia ferver nom só os seus genitais mas também a sua cabeça.

Quando começou a dar beijos de língua e *apalpar-se* um dia sim e outro também com um moço anónimo da Baixa Límia já a sua fantasia figera que tivessem vários orgasmos juntos.

Um dia tivérom umha revelaçom superior, a Santa Oral-Genitalidade!!! Passárom umha temporada de encontros onde o seu era orgasmear gloriosamente por obra e graça do espírito-tacto.

Nada mais que umha vez tentárom a cópula e ela puxo tal cara de dor que ele nunca mais voltou ter umha ereçom naquelas circunstâncias.

Adoravam as suas bocas e os seus genitais e fórom tam felizes como se pode chegar a ser.

Um dia, e aqui perdo-me um pouco na história, ele desaparece. Nom sei bem porquê, nom sei bem quando.

Assim, à medida que via como

bocas e mais bocas e genitais e mais genitais iam embora para quem sabe onde, ela voltou à sua tacto-genitalidade usual.

Escutando um programa radiofónico soubo da Inseminaçom Artificial. Nom dormiu em três dias após os quais tivo a revelaçom de que ia ser mae.

Removeu Vigo com Santiago até dar neste com o sítio onde ademais de inseminar dispunham de banco de sémen. Poupou, poupou e fijo-se inseminar várias vezes até engravidar. Estava a chegar a Primavera e a Baixa Límia começava a ser um leito de flores.

O 23 de dezembro soubo que tinha chegado o momento, foi para o CHOU. Ali puxou e puxou e nom dilatou nem um só milímetro. O vinte e quatro à tardinha figérom-lhe umha cesárea.

Entom, chegou um lindo e anónimo menino esperto e de olhos vivos.

Quando todos os Natales no povo se questionam a virgindade da Virgem ela sabe bem que agora mais que nunca aquilo é possível.

- Sim mulher sim, pola fé, tens cada cousa...

- Nom mulher nom, por orgasmos sem fim, pola emigraçom, a inseminaçom artificial e as cesáreas.

ERRATA: Na primeira frase desta seçom do número anterior foi reproduzida erroneamente o seguinte texto: "A SEXUAÇOM ou feito de SEXUARSE, o sexo, agrupa umha serie de fenómenos conectados entre sim, elementos SEXUANTES (vid. nº40 NGZ) entre os que se atopa a menstruaçom [menstruo = menstrual]".

Rua Nôreas, 5
Lugo

Travessa de Batalhões, 7
981369099 - 981369921
15403 FERROL
www.artabria.net

CAMPO CASTELO DE
LUGO

Alto minho
ASSOCIAÇOM CRULTRAL

Rua Catezol, 15 - Apdo 289 Lugo
cominfo@altominho.org
www.altominho.org

revira
local social
Arcebispo Malvar 33 Ponte Vedra



ENTRE LINHAS

Inxalá, de Carlos Quiroga

MÓNICA SANT'ANNA

O Prémio Carvalho Calero de Narrativa Curta/2006 foi destinado, merecidamente a *Inxalá* de Carlos Quiroga. Não fugindo à regra, o tema da viagem é também recorrente neste seu novo livro - porém com vários desdobramentos: sendo o mais relevante o carácter de uma peregrinação. Se buscarmos o sentido da palavra peregrinação, vemos a sua origem no latim "peregrinus, que significa estrangeiro, itinerante, aquele que viaja por terras distantes." Assim, numa sociedade contemporânea em que o multiculturalismo já é um fenómeno mundial, a busca da identidade torna-se uma nova ordem; principalmente quando no diálogo de culturas ocorre o difícil pressuposto ético: o reconhecimento e respeito pelo diferente, além do seu próprio.

Assim, vemos o protagonista de *Inxalá* escolher um itinerário para sua peregrinação, também percorrido e registrado por outros artistas como Rimbaud, Gauguin e o escritor Fernão Mendes Pinto, assim como os primeiros navegantes das viagens de descobertas portuguesas: o Oriente (a palavra oriente, do latim *oriens*, 'o sol nascente', de orior, orire, 'surgir, tornar-se visível' palavra da qual vem também "origem"; em oposição a ocidente, *occ-iderere*, 'cair'), de certa maneira já anunciado em seu título, na palavra árabe Inxalá, que tem o sentido de "Se Deus assim quiser". Vemos então o protagonista em busca de suas origens, de si, através de percursos vários, dentre os quais sobressai-se a própria escrita como fuga/destino - aludindo a Fernando Pessoa - "o rapaz português fugiu da realidade para a escrita" (p.12) e afirmando: "Por coincidência estou na mesma ferocidade e fazendo uso



Carlos Quiroga num acto em Trás-os-Montes

da escrita" (p.12). E esta escrita vem trazer o "adn" de cada um, a referência básica da identidade social, a língua. Como já dizia Fernando Pessoa: "minha pátria é a língua portuguesa" E tal percurso tem início por cidades onde poderia haver "reliquias da minha língua" (p.14).

O percurso/a peregrinação pelo Oriente vem aclarar quantas são as múltiplas culturas e religiões em percursos e distâncias tão próximos. O caminho pelo Oriente exótico cheio de cheiros, cores e diferenças, desenha uma cartografia de descobertas de si através do outro - do deserto do outro para o encontro consigo, como fim de acabar com a solidão: "O medo da solidão e da morte som a pura essência do deserto" (p.109).

Ainda nesta cartografia de descobertas a memória de si (do protagonista) surge em lances significativos: a profissão de médico, a Lisboa tão conhecida e vivida, assim como a Galiza que aparece em metonímias de costumes

comidas e um dos ícones de peregrinação: Santiago de Compostela. Memória que trazida à tona para o interlocutor, aliás, toda a narrativa é dirigida a um interlocutor, que também tinha um caminho/destino a seguir - "Porque também tinha um caminho, um destino, um regresso" (p.35)

Na verdade o que também podemos observar em *Inxalá* são peregrinações paralelas: um homem em busca de si em caminhos do deserto - com memórias latentes e encontros com o outro numa atitude de doação contínua; o relevo para o conhecimento de nossa história, das diferenças e (in)tolerâncias construídas por nós. Enfim, a convergência de percursos, culturas e religiões, tão bem descritos e vividos pelo protagonista pode ser metaforizada na textura de areias em fotos insetadas no livro: a identidade formada por linhas/culturas distintas, registradas em palavras/livros, lado a lado, sem conflitos. Horizonte desejado por todos nós: *Inxalá*.

I Jornadas Galego-Lusófonas de Software Livre

GERARDO UZ / Entre 30 de Novembro e 3 de Dezembro, a localidade do Porrinho foi a sé das I Jornadas Galego-Lusófonas de Software Livre, ponto de encontro de várias dúzias de especialistas galegos e brasileiros. O Novas da Galiza falou com um dos representantes galegos no evento, o economista Roberto Brenlla, sócio fundador da associação AGNIX (www.agnix.org). Em opinião

dele, "no Brasil levam-nos dous ou três anos de vantagem", e acha que esta circunstância se deve, principal-mente, "à aposta decidida que fiz o administração brasileira".

Como exemplo desta atitude, pujo o caso de que no Brasil se fizeram "migrações maciças desde plataformas com software licenciário para entornos de software livre" -o estado do Paraná aforrou graças a isto 42 milhons

de euros em 2005-. Outros benefícios destes programas som que ao terem liberado o seu código, pode-se conhecer o seu funcionamento interno e melhorar a sua segurança.

Brenlla também acha muito necessário actuar sobre o ensino secundário -"aí passamos todos"- para formar pessoas capazes de se mover em entornos de software livre e nom convertê-los "em escravos" do software privativo.

LÍNGUA NACIONAL

Som as pessoas, porra!

VALENTIM R. FAGIM

A palavra Língua bem como Naçom e ainda outras tenhem umha carga de abstraçom que faz com que por vezes perdamos o sentido da realidade. E o que é a realidade? Um cidadão galego quer tirar a carta de conduçom e o exame está em espanhol; a diferença da maioria dos seus coterrâneos, nega-se a fazer a prova. No Flandres várias câmaras municipais exigem às pessoas candidatas a umha vivenda de proteçom oficial saberem holandês (200 anos atrás o 'holandês' era umha língua estrangeira). Em Bruxelas, por questons de poupança, decidem eliminar várias línguas dos serviços de traduçom nas conferências de imprensa, entre elas o espanhol, o governo do Reino reage e protesta usando os mesmos argumentos que os

nacionalismos subestatais, e tudo volta ao ponto de partida.

Ora, persistem discursos esquisitos a respeito da Língua. Alguém escreve que duas línguas eram a mesma até que se "separárom" (como se se tratasse de um protozoário). Outro afirma que a língua X está a "devorar" a língua Y e até dá pormenores do processo de digestom. Há também quem diz que umha língua se está "desenraizando" e nom falta quem afirme que uma língua é "irmã" de outra, prima de umha terceira e neta de umha quarta criando árvores genealógicas de coerência difícil.

Observando isto tudo acabamos por nom saber se estamos perante umha análise sócio-linguística ou um documentário da *National Geographic*. Som as pessoas, porra!

DESCOBRIR O QUE SABES... por Salva Gomes.

1. Quando se realizam os primeiros filmes que rematam com o referente Shakesperiano nessa arte?

- 1908-1910
- 1928-1930
- 1936-1938

2. Em que lugar da América do Sul des- envolve Antom Moreda o seu activismo político nas Mocidades Galeguistas?

- Buenos Aires
- Córdoba
- Rosário

3. Quantos Movimentos dos Sem Terra existem hoje no Brasil em inter-relaçom e co-organizaçom?

- 27 - 50 - 73

4. Quem é Mary John Manaza?

- Monja revolucionária filipina
- Monja revolucionária de Porto Rico
- A conhecida como 'monja dos pobres em Rodésia'

5. Quanta superfície de Portugal possui a igreja católica no começo do século XVIII?

- 1/5 parte
- 2/4 partes
- 2/3 partes

6. Em que ano escreveu Daniel Castella o Sempre em Galiza, reafirmando-se e avançando nos seus ideais?

- 1944
- 1945
- 1946

Soluçom :

1. 1908-1910 2. Buenos Aires 3. 23 4. Monja revolucionária filipina 5. 2/3 partes 6. 1944

ARROZ COM CHÍCHAROS

Amêijoas com fidéus

ANA ROCHA / Picamos 2 cebolas bem picadas num tacho, junto a um dente de alho, salsa, e meio copo de azeite de oliva. Umha vez refogado, acrescentamos as amêijoas com um pouco de sal. Juntamos 1 bom copo de vinho branco, 3 doses de açafrão e 2 copos de água. Quando começarem a abrir as amêijoas juntamos 1 punhado de pam ralado. Noutro tacho mais peque-

no picamos 1 cebola bem picadilha e acrescentamos os fidéus, depois de termos aquecido um pouco de azeite e água antes. Quando estiverem 'al dente' juntamos as amêijoas.

Fervemo-lo durante 5 minutos e pronto. Se fígese falta, acrescentamos a água necessária durante a fervura para evitar umha espessura excessiva do molho.

Sugestom: misturar umha vez cozinhado com favas cozidas.

DESPORTOS

Entre as selecções nacionais e a 'vuelta a España'

CONSELHARIA DE CULTURA E DESPORTOS CONTINUA NA AMBIGÜIDADE

REDACÇOM/ Respira-se já no ambiente a próxima cita internacional da selecção galega. Trás o enorme seguimento popular do jogo de 2005, aguarda-se uma entrada mais que digna em Riazor e uma audiência televisiva tam importante como entom. Da conselharia de cultura e desporto facilita-se a participação da juventude e fornece-se apoio logístico a Siareir@s Galeg@s, principal dinamizador da torcida do País.

No entanto, segue sem haver nenhuma declaração da Junta em favor da oficialidade das selecções desportivas, e Ánxela Bugallo manifestou-se "encantada" da colaboração autonómica com a volta a Espanha. Um ano depois, voltamos a contactar com Siareir@s Galeg@s. Esta agrupação de claques do País está-se a revelar como a força mobilizadora de mais entidade em favor das selecções desportivas oficiais.

Na entidade acabam de editar milhares de cartons para as e os novos sócios, que servirán para distribuir entradas e encher umha das bancadas do estádio corunhês. Com a legenda "Galiza, algo mais que um jogo", a plataforma organiza umha marcha para o próprio dia 28 que sairá às 19:00 da estação de comboios da Corunha. Aguarda-se que a marcha seja mais nutrida ainda polos autocarros que disponibiliza a subdirecção geral para o desporto.

Primeiras críticas

Ainda, nom todo é louvaçom para com a subdirecção de Domínguez Oliveira. Davide, membro de Siareir@s em Compostela, comenta-nos que "repetimos umha e outra vez que um jogo cada Natal nom nos satisfaz. As bancadas exigem mais". Com efeito, o membro da claque refere-se à pouca contin-



Siareir@s Galeg@s é a principal agrupação dinamizadora da torcida do País

dência da Junta à hora de ultrapassar o encontro ritual de cada Inverno e solicitar às instituições do Estado a oficialidade das selecções desportivas, e nom apenas da de futebol. "Como estamos tam mal afeitos -continua Davide- pensamos que subvencionar um encontro desportivo, pôr autocarros ou facilitar o trabalho de Siareir@s Galeg@s som grandes concessons da Junta; pois nom, som simples medidas normais dum governo normal que escuita as reivindicações mais sentidas".

Esta realidade, para Davide, nom deveria de ocultar o fundamental: "que a Galiza nom conta no palco desportivo internacional e, o que é pior, as instituições autonómicas parecem nom ter vontade de que conte. Mas a

ambigüidade nom se explicita só neste terreno.

Entre o espanholismo da volta e os negócios de Karpin

Os direitos nacionais nom parecem contar em todas os encontros desportivos. Tanto é assi, que a cancelheira de cultura nom duvidou em deslocar-se a Madrid para apresentar a saída da volta a Espanha 2007 desde Vigo, Alhariz e Viveiro. Desconsiderando que este encontro desportivo -ao igual que muitos homólogos em outras latitudes europeias- tem umha função nacionalizadora e homogeneizadora de primeira magnitude, Ánxela Bugallo exprimiu o apoio autonómico ao evento e mostrou-se encantada de que "a Galiza seja o campo e o mar de

Siareir@s:
Um jogo cada
Natal nom nos
satisfai, Galiza
nom conta
no palco
desportivo
internacional
nem parece haver
vontade disto

Espanha em 2007". A grande aposta polo desporto do País que, no terreno do ciclismo, conduz Domínguez Oliveira, é a conhecida equipa "Karpin Galicia". Mas se ainda nom sabemos o que este

A plataforma acaba de editar milhares de cartons para as e os novos sócios que servirán para distribuir entradas e com a legenda "Galiza, algo mais que um jogo" organizam umha marcha para o próprio dia 28 na Corunha. Aguarda-se que seja mais nutrida ainda polos autocarros que disponibiliza a Subdirecção Geral para o Desporto

colectivo fará polo desporto desde a base, si conhecemos que funciona como magnífica manobra promocional deste ex-futebolista metido a empresário. Os "novos valores" que introduz o valedor do ciclismo galego patenteiam-se nas suas declarações: "é absurdo falar da existência de máfias da construção", dixo aos meios o russo. Karpin comprou um bairro inteiro no centro de Vigo para fazê-lo zona residencial de luxo, e prevê erguer urbanizações nas ruas Progresso, Areal e Alfonso XIII. Nom exclui introducir-se no têxtil ou nas comunicações, e aplaude "que por fim chegue o comboio de alta velocidade e as infra-estruturas competitivas". Serán estes os valores do desporto galego, e estes os seus únicos mecenas?





| TONHITO DE POI | MÚSICO E ARTISTA |

“É preciso perder-se para encontrar-se, e às vezes descobrir os demais é descobrir-se a um próprio”

GERARDO UZ / Mordaz, irónico e incisivo; alegre, despreocupado e crítico a um tempo. Assim é Antom Ageitos Ares, mais conhecido como Tonhito de Poi (Ribeira, 1969). Após finalizar a sua etapa n'Os Heredeiros da Crus, o polifacético barbaço -marinheiro, guionista, produtor, actor e músico- rodou-se de um grupo de amigos da Galiza e de Portugal, A Banda de Poi. Há pouco mais de um ano editaram 'Mór', e no momento de realizar esta entrevista já estão a trabalhar arreu no que será o seu segundo disco. Embora a música seja a grande protagonista -"é umha necessidade vital", repete-, nom vai ser o único que lhes ofereçamos.

- Já vai um ano de Mór...

- 'Mór' foi um achegamento a misturar muitas cousas: umha ideologia, unir um mesmo povo que foi dividido, unir umhas guitarras com umha tecnologia e alguns efeitos... que foi complicado, porque éramos novatos nisso. E agora já estamos a trabalhar no segundo -gravamos nestes dias no Porto-, mas ainda nom lhe temos nome. De momento estamos forçando ainda mais a máquina. O importante é estarmos juntos para poder criar!

- Como vês o panorama musical ?

- A música o bom que tem é que nom tem fronteiras, nom tem espaço físico, por isso é de todos. Ademais, na música ninguém tira o sítio a ninguém, porque isso é literalmente impossível: quanto melhor lhes vaia aos outros, maior é a felicidade própria. Desde a época do 'Xabarin', quando começaram a sair bandas... nom tivemos umha sensação de umha cousa tam frutífera. Porém, isso tapou-se e agora volta a haver suporte, sobretudo na

rádio... programas como o de Xurxo Souto estão a fazer muitíssimo.

- E porquê achas que aconteceu isso?

- Porque se assustáram! (risos) Porque o rock'n'roll é a grande rebelião! Moços a cantar em galego, grupos portugueses vindo tocar aqui... Mimadrinha querida! Botáram as maos à cabeça e dixeram "o que é isto?", e tivérom que apagar. Nom vês que a música é a melhor arma de destruição maciça... Eu penso que agora pouquinho a pouco vamos indo.

- A Banda de Poi unifica galegos e portugueses, e cruzais habitualmente o Minho. Como veis o tema horário?

- Acho que unificar a hora seria o próprio! Viver sem sol, o pior para a cabeça e para o rim (risos). Vale que che vendem o dos benefícios energéticos, mas temos de viver polo horário biológico, o real... o sol, hóstias! (risos) O de vincular-se ao sol é fundamental. É que já nom é umha questom política, é de sermos pessoas!

- Com tanta luz artificial, custa guiar-se polo sol...

- O que se passa é que somos escravos e acreditamos que somos livres. Nom há pior escravo. Robôs. Há umha pintada no Porto que diz 'foste um bom robô hoje?'. E a gente que a vê e caminha por baixo do semáforo vai ter de dizer: 'sim' (risos). O primeiro é ser consciente disso e depois avançar sem medo, que nom te convençam. O medo estorva para andar polo mundo.

- Parece que já nom criticam o teu passo do Ñ ao NH.

- Suponho que se meterám, mas nom fago muito caso... A sério metêrom-se comigo por isso? (risos) Em Portugal, isso do Ñ era o que mais chocava, e eu entendia-o. É preciso perder-se para encontrar-se, e às vezes descobrir os demais é descobrir-se a um próprio.

- Sempre reivindicaste o galego como algo fundamental...

- Para mim, que se perda o idioma é umha tragédia muito grande, porque o idioma tem muita sabedoria. Como dizia meu avô, "quem trabalha é porque nom tem nada melhor que fazer"... fam falta muitos anos para começar a perceber o que quer dizer isso. Quando falas, o que dizes, a tua voz... és tu. É umha parte importante da identidade. E isto serve para medrar, e para isso é necessário ter raízes. É igual que

cortar um carvalho para fazer lenha para a chaminé: isso é o que queremos fazer connosco. É isto que é a globalização: converter-nos em borregos vivendo em casas geminadas.

- Agora que o dizes, a crítica do capitalismo é umha constante na tua trajectória.

- Eu tenho um amigo americano, Ben Temple, que conhecim quando do fum fazer um curso de actor em Madrid. Ali, o primeiro que nos ensinavam era que tínhamos de perder o sotaque galego, mas quando ele me ouvia falar... alucinava! (risos). Dizia-me "tu falas, e cheira a mar e a terra". Eu expliquei-lhe donde sou, e ele nom tinha nem ideia do nosso País, e dixem-lhe para vir, e gravámos umha curta-metragem. Quando conheceu as casas de lavrança galegas, com as leiras, as vacas, a distribuiçom das cousas... vai e diz: "Mas se aqui nom eram necessários supermercados! Por isso arruinárom este sistema de vida". Saiu da sua cabecinha. Já o dizia minha avó: "filhinho, tem ao menos um pedacinho de terra". É o que nos está a arrebatá-los agora. Hoje em dia, se nom tens um eurinho no bolso, já nom comes! Dás umha olhadela para atrás e vês-nos a todos em fileiras, com os carrinhos da compra... é lamentável. Lembra-me a pintada do Porto, 'foste um bom robô hoje?'

NO TORREIRO

Rua Fraga

Por CONCHA ROUSIA

- Aió, e logo diz que vão botar o Fraga à rua...!

- A rua... a que rua? Não mulher, para botar alguém a rua tem que estar trabalhando, ou algo...

- Pois eu ouvi na rádio... que o queriam pôr na rua...

- Boh! a gente muito fala, se ainda fosse quando estava no mando... mas agora... que vão botar, isso é a gente que não tem paria... vir com esse conto...

E chegou o terceiro em discórdia, que nestes casos vem mui bem.

- Olha que sois... há que saber escutar, no que se fala na rua não é de botar a Fraga à rua, que já foi botado... polas urnas...

- Ai pois eu não lhe votei!

- Nem eu...

- Calai com a votadela e escutai... O que querem é dedicar-lhe uma rua.

- Dedicar-lhe uma rua? E logo não lhe chega com que lhe dediquem uma canção num programa desses... como aquele que havia quando ele era ministro... da coisa essa... a propaganda...

- 'De España para los españoles' se chamava.

- Pois logo mesmo com o Porrompompéro já lhe chegava...!

- Escutai...! O que querem é que uma rua leve o seu nome, o nome de 'Fraga'

- Que o leve? A rua não é um regueiro para levar nada...

- E que culpa tem a rua para que lhe caia Fraga?

- E tu figura-te... que che toca na tua... passar de chamar-se rua 'tal' ou 'qual' a chamar-se 'Fraga'... ainda che devolvem as cartas...!

- E haveria gente que se teria que mudar e tudo, por causa disso...

- Que não hom! Que já escolherão uma que não tenha nome, ou lho mudarão a alguma que esteja caducada...

- Ai sim, dançar não é mau, também dantes se fazia para ter mais esterco...

- Bom matar matar, matavam uma que a outra nem a asustavam...

- Pois olha que também é mágoa que tiraram a cabeça do Baltar daí da eira da festa d'Os Blancos, que senão agora com mudar o nome também valia, e já de passo tinha também estátua...

- Valia, que a cachola tem-cha parecida...

- Pois eu penso que para não molestar o que tinham é que põ-la num polígono industrial desses, e pronto!

- ...Boa ideia, ou num cemitério, que diz que nas cidades são mais grandes que o demo e perde-se dentro a gentinha...

- Pois a ver se se perde ele logo por lá.